

— CADA NUMERO CONTÉM UMA OBRA COMPLETA —

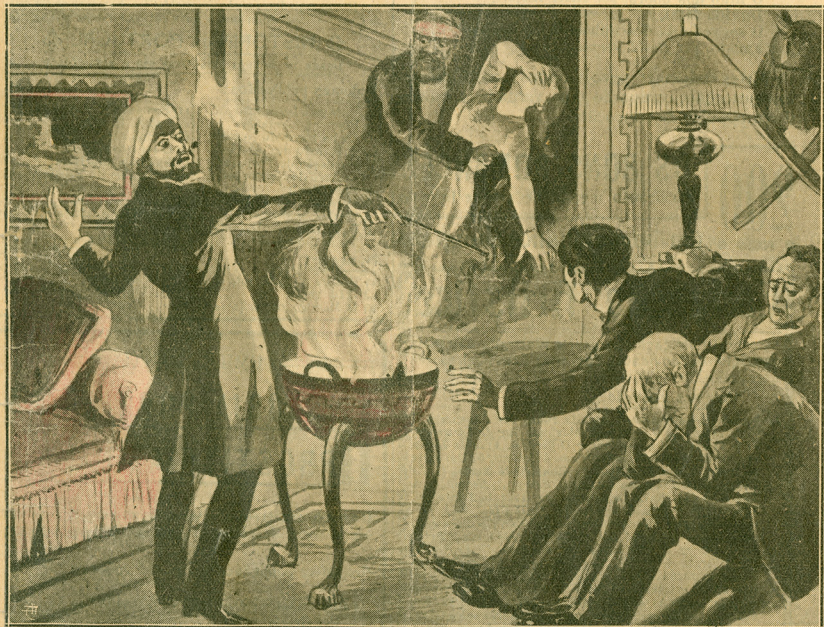
• A NOVELLA POPULAR •

N.º 151



Aventuras extraordinarias dum policia secreta

UM VENENO SUBTIL



EDITOR E PROPRIETARIO, E. A. MIRANDA E SOUSA

COM. E IMP. NA EMPLUSITANA EDITORA

C. DO FERREGIAL, 23 PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO

60
REIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

DA NOVELLA POPULAR

C. DO FERREGIAL, 23, LISBOA

Um romance completo por OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

200
REIS

==CADA VOLUME CONTE==
== 14:00 LINHAS ==
== DE LEITURA EMPOLGANTE ==

Volumes publicados:

O homem das multidões, de *Pierre Zuccone*.
O casamento d'um forçado, de *A. Bouvier*.
A aposta maldita, por *Jules de Gastyne*.
Os Facas d'Oiro, por *Paulo Fieva*.
As filhas do povo, por *Alexis Bouvier*.
O filho dos boers, por *Rider Haggart*.
Duvida fatal, por *Marcello Prévost*.
O segredo da desconhecida, por *J. Gastyne*.
Fausto, por *Raoul Verneuil*.

Estes romances, seleccionados com escrupulosa atenção, compoem uma verdadeira bibliotheca de educação.

200 OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

REIS e um bom romance completo

Colleccção Artística

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionais novidades litterarias estrangeiras

Volumes publicados

1. Arséniol Lupia, gatinha da alta roda, por *Maurice Le Marc (Eg.)*. 2. O Homem Mystérieux, *Guy de Trazmond*. 3. O luno do zelo, *Pierre Giffard*. 4. Arséniol Lupia contra Heriok Sholmes, *Maurice LeMarc*. 5. Um crito na treva, *Galsworthy*. 6. O Prisioneiro de Marte, *G. Le Rouge*. 7. O Club dos Ladões, *Henry A. Herne*. 8. A Agulha deca, (Novas aventuras de Arséniol Lupia) *M. LeMarc*. 9. O Homem sem rosto, *Paul d'Ivoi*. 10. Virgem Yarnachia, *Pierre Giffard*. 11. O Caudão de ouro, *Paul d'Ivoi*. 12. Qual dos tres grande romance policial, *A. Q. Green*. 13. A Guerra dos vampiros, *G. Le Rouge*. 14. O Pirata de Turro, *Max Pemberton*. 15. As tres gatinhas, sensacional romance de aventuras) *Paul d'Ivoi*. 16. Kowa, a mysteriosa por *Ch. Foley*. 17. SIB. (Novas aventuras de Arséniol Lupia) por *M. LeMarc*. 18. Em Férias, por *Henry de Régnier*. 19. O Palazzo submarino, por *Max Pemberton*. 20. Um crime tenebroso, por *A. Galswin*. 21. A sombra mysteriosa, por *Fergus Home*. 22. O Sonho, por *E. Zola*. 23. Os dez olhos d'ouro, por *P. d'Ivoi*. 24. Um gatinho de casaca, por *E. W. Hornung*.

Cada vol. in-4°, contendo a materia de um

350rs. cccc grosse vol. in-8°, de 300 ccc rs. 350

A Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato
Cada numero um episodio completo

60 Rs. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA de PORTUGAL. Rs. 60

mas notavel e sensacional
das novidades litterarias

Edição esmerada, cuidadosamente impressa
e composta em magnifico tipo

E' um trabalho vasado em moldes inteiramente novos, que formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva

HISTORIA DE PORTUGAL

Desde os tempos primitivos até á actualidade

Volumes publicados:

- | | |
|---|------------------------|
| 1 Viriato, o heroe luso | 11 Tomada d'Alcácer |
| 2 Roma na Lusitania | 12 Rainha D. Mécia |
| 3 Os barbaros do Norte | 13 O Bolonhes |
| 4 A Invasão dos Arabes | 14 O rei trovador |
| 5 Fundação de Portugal | 15 Rainha Santa Izabel |
| 6 O cerco de Guimarães | 16 A Batalha do Salado |
| 7 Egas Moniz | 17 Inez de Castro |
| 8 Conquista de Lisboa | 18 Vinhaca de Rei |
| 9 Giraldo Sempavor | 19 A Rainha Adelthera |
| 10 D. Fuas Roupinho (Milagre da Nazareth) | 20 Maria Telles |
| | 21 Mestre d'Aviz |

A seguir:

- | | |
|-----------------------------|----------------------------------|
| 22 Fudera d'Aljubarrota | Insulterria |
| 23 O Burbudo | 25 Os Trupiaes. (Tomada de Ceuta |
| 24 O Migração em os Deoz de | |

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUICAO

Desde os primitivos tempos até á actualidade

Acham-se publicados os quatro volumes

- | | |
|--|-----|
| I Obscurezas primitivas—A Prostituição na Augusta Grecia | 300 |
| Insipidezas de Roma Primitiva—Desassiduo dos Romanos | 304 |
| III Desmoralisação Francesa—Tempos modernos | 300 |
| IV (o ultimo volume Tempos modernos | 300 |

Numero 151

Lisboa, 9 de maio de 1912

IV Anno

UM VENENO SUBTIL

CAPITULO I

Um aventura estranha

—Agradeço-lhe ter vindo, sr. Holmes, exclamou Robur Hall, o celebre chimico, voltando se para o genial policia, o qual acabava de penetrar, acompanhado por Harry Taxson, o seu fiel discipulo, no terceiro andar d'uma elegante casa de Clichy.

—Limite-me a cumprir o meu dever, replicou Holmes, repellido os agradecimentos. Vamos ao assumpto que importa; tratemos do que o interessa sr. Hall.

O chimico convidou os visitantes a sentarem-se. O seu rosto, que se encontravam frou adaptado para laboratorio.

Notava-se em tudo o gosto phantastico do feliz inventor, que estava a caminhar de tornar-se milionario.

Das paredes pendiam cabeças d'animaes, crâneos humanos, cabeças de chiparés, etc.

A mesa achava-se coberta de vidros e retortas.

Robur Hall sentou-se n'um divan e começou:

—Escrevi-lhe, sr. Holmes, communicando-lhe que ha já alguns dias que recebo cart-a contendo ameaças de morte. Juraram assassinar-me. Parece que é a minha invenção...

—Tem algum inimigo? interrompeu Sherlock Holmes.

—Que eu saiba, não tenho.

—Ama alguém ou julga ser amado por alguém?

Robur Hall ficou o policia com surpresa, e pareceu a Harry que o chimico mudara ligeiramente de côr. Fez uma pequena pausa, como se necessitasse de reflectir antes de responder, replicando em seguida:

—Não, sr. Holmes. Isto é, sim, talvez... Verdadeiramente, não sei o que hei de responder-lhe.

—Uma resposta contendo um sim e um não, não é resposta. Pequeno que me falle claramente. Como vejo, a minha pergunta veio tocar n'um ponto sensível, pois se não houvesse um qualquer ponto sensível nas relações que supponho existirem entre o senhor e uma dama a que chamaremos, por emquanto, a menina X, a sua resposta não seria tão ambigua.

Robur Hall baixára os olhos.

O seu rosto, onde se lera primeiro receio e surpresa, mostrou então um sorriso ironico.

—Não me comprehendes bem, sr. Holmes, retorquiu. O senhor é um espirito critico e um homem de conclusões logicas; d'esta vez, porém, creio que os seus pensamentos o levam para um caminho errado. O facto de eu ter respondido á sua pergunta com uma affirmativa e uma negativa ao mesmo tempo, significa apenas que não a comprehendi bem.

«Conheço algumas jovens, das quaes posso suppor que... mas desculpe-me, sr. Holmes; acaban de bater á porta. O meu creado saiu e tenho de ir eu proprio abrir.

«Escondam-se, pegos-lhes, pois não desejava que os vissem, porque talvez seja a pessoa que me tem escripto as cartas contendo ameaças.

Com estas palavras, Robur Hall abriu uma manincha que estava oculta pela esplendida tapeçaria escura que forrava as paredes e mostrou-lhes um esconderijo estreito que era iluminado por luz natural, vinda d'um pequeno orifício superior.

Sherlock Holmes e Harry introduziram-se no esconderijo e Robur Hall fechou-lhes a porta.

Os dois polícias viram então dois pequenos orifícios praticados na porta, pelos quaes podia dominar-se inteiramente o compartimento que acabavam de deixar.

—Que esquisito esconderijo, murmurou Harry. Robur Hall parece ter hábitos estranhos.

—Sem duvida, redarguiu Sherlock Holmes; tanto mais que a porta que elle fechou não tem fecho do lado do dentro.

Durante alguns segundos nada se ouviu, a não ser o ruído provocado pela mão de Harry, escurregando ao longo da parede, procurando encontrar alguma fenda ou fecho.

—E' tudo fecho de ferro, sr. Holmes, e está disfarçado da parte de fóra com a tapeçaria.

—Assim é.

—Porque entrámos nós para aqui, sr. Holmes?

—Porque não fomos cautelosos bastante, Harry. Fiz esta observação a mim mesmo no momento em que a porta se fechava sobre nós.

—Parece-me que estamos presos, sr. Holmes.

—Talvez. Não está ainda provado que Robur Hall tenha má intenção; por enquanto, sabemos apenas que elle nos chamou para virmos em seu auxilio. Esperemos os acontecimentos.

N'este momento, a attenção de Harry foi despertada pela entrada de Robur Hall. Tanto elle como Holmes, encostaram o rosto á porta, esperando pelos dois pequenos orifícios.

Robur estava voltado para a porta, exclamando:

—Pegolhos que tira a mascara, senhor. Não estou habituado a receber mascarados.

No mesmo momento, appareceu aquelle a quem eram dirigidas estas palavras.

Era um homem de estatura média, uma d'aquellas figuras que é difficil reconhecer n'um novo encontro, porque ha muitas semelhanças.

Os hombros eram estreitos; era bastante magro. Sob o chapéo, que não tirava, dividiam-se cabelllos ruivos. O rosto não podia vêr-se, pois o mysterioso visitante usava uma mascara d'um vermelho sangrento, que lhe cobria inteiramente a parte anterior da cabeça, até ao queixo.

—Não vejo a necessidade de o sr. Hall saber quem sou, exclamou o interpellado, com uma voz de som bastante antipathico. Permite-me que me sente durante alguns momentos? Está um calor sufficiente lá

fóra e venho cansado, em virtude da longa caminhada.

Robur Hall fez-lhe signal que se sentasse.

—Offereço-me um cigarro, sr. Hall?

Este estendeu-lhe a cigarrreira, com hesitação, e o desconhecido seguiu-lhe todos os movimentos com olhos que hinhavam por detrás da mascara.

—O senhor acaba de fazer uma nova descoberta, sr. Hall? Conseguiu, depois de alguns segundos de silencio, o mascarado. Interesse-me extremamente por isso!

—Não estou disposto a tratar nenhum assumpto com o senhor, enquanto não tirar a mascara e não me explicar quaes são os seus intuitos, declarou o chimico.

Recoum, porém, apavorado, ao deparar-se-lhe um revolver apontado ao peito.

—Estou habituado a vêr cumpridas as minhas ordens, exclamou o desconhecido; se não me vier obediência dentro d'um minuto, metto-lhe uma bala na cabeça.

Estas palavras produziram um effeito a que o chimico não pôde resistir.

Depois de ter tentado ainda uma objecção, trouxe uma retorta e collocou-a junto do mysterioso visitante, sobre a mesa.

Este fez um gesto de satisfação.

—Ah! Encontra-se, então, aqui dentro o gaz que tem sido o thema de todas as conversas, em Paris, ha já alguns dias?

Robur Hall parecia ser bastante vaidoso.

No momento em que a conversa versou sobre a sua descoberta, tornou-se logo mais communicativo e pareceu ter perdido a desconfiança e o receio que sentia pelo visitante.

—Sim, é uma descoberta que deve revolucionar por completo a arte da guerra, declarou. Esta retorta contém o gaz. Não se vê porque é perfeitamente incolor; sei, porém, pelas experiencias a que procedi, que fixa todas as cores. E o veneno mais forte que existe sobre a terra e um homem que d'elle se servisse, ultrapassaria a Vesúvio e a Montepan.

—Bastará respirar o gaz, para ter a morte sem remissão, não é verdade? inquiriu o desconhecido.

—Assim é. Este gaz tem a propriedade de não se evaporar e pode, por conseguinte, ser guardado em qualquer recipiente. Espalhado em grandes porções, produz a morte certa a centenas de pessoas. E tem a curiosa particularidade de não poder ser sentido, pois é absolutamente inodoro.

—Extraordinário! exclamou o mascarado. Não ha duvida que fez uma descoberta maravilhosa, sr. Hall. Bem se vê que é americano! E verdade, conhece este a signal?

—Ao dizer estas palavras, o desconhecido fez um gesto cuja significação os dois polícias não lograram comprehender.

Descreveu com a mão uma linha ondulante, deixando-a depois descair ao longo do corpo. Era um gesto que poderia ser bello, se fosse feito graciosamente.

O mascarado, porém, fil-o d'uma fôrma desagradada.

Harry sorriu, pois o facto pareceu-lhe comico. Emmudeceu, porém, subitamente, ao vêr Robur Hall recuar, assustadamente pallido.

—Que quer dizer? exclamou a meia voz.

—Que a minha mão é grande bastante para nos conter a ambos, replicou o terrivel desconhecido, sentando-se novamente. Um de nós tem de morrer!

Seguiu-se um silencio que durou alguns segundos.

Harry encostou-se á porta, empurrando com toda a sua força, sem conseguir que ella cedesse. Os dois homens podiam reunir os seus esforços n'este sentido que, infelizmente, nada conseguiram.

Entretanto, em face dos dois polícias desenvolvia-se um drama tão horrivel como extranho.

Robur Hall conseguira refazer-se do susto e respondera:

—O senhor está brincando, decerto! Não fallou seriamente.

—Basta de objecções, exclamou o outro, irritado. Não souho por costume gracioso. Como sou, porém, um gentleman, quero dar-lhe occasião para se defender. Se conseguir matar-me, pôde colher o fructo dos seus esforços. Se eu, porém, o matar, aproveitar-mo-hei da sua descoberta e o successo será para mim.

—Bonitas condições, não haja duvida! pronounciou o chimico, com um furor mal contido. Não tenho cominção de revolver, em qualquer arma.

—Não faz mal. Ha-de ter qualquer arma em casa, não é verdade?

N'este momento, ouviu-se um fortissimo trovão. Succediam-se os relampagos.

Estalára uma tremenda tempestade.

—Certamente. Posso um revolver. Tenho-o, porém, n'quelle quarto, explicou o chimico, residuindo a seriedade.

—Vá buscal-o.

O mascarado não mudou de posição. Continuou sentado, com o revolver na mão, olhando, aparentemente distraído, para a retorta.

Robur Hall dirigiu-se para a porta que dava para o corredor.

No mesmo momento, o homem da mascara voltou-se com a rapidez do relampago e, apontando-lhe o revolver, advertiu-o:

—Se se atreve a fugir, mato-o como se mata um cão! Tenho o direito de fazel-o, visto que o senhor transgrede as condições que lhe impuz. Vá buscar a sua arma.

O chimico chedeceu tremendo.

Quando ir a sair, lançou um olhar recessivo ao seu mysterioso adversario.

Este sentára-se novamente e parecia não o vêr.

Então, Robur Hall deu um salto para o telephone collocado na parede do laboratorio junto da porta, e pegou no auscultador.

—Commissariado de policia, depressa! gritou.

O perigoso visitante voltou-se para elle, dizendo fleugmaticamente:

—Escusa de incommodar-se, sr. Hall. Não fazem a ligação, durante uma trovada tão forte como esta! Praguejando, o chimico voltou a pôr o auscultador no decanção e passou ao quarto seguinte. Ouvia-se correr o fecho immediatamente: Robur Hall fechára-se por dentro.

O seu inimigo não pareceu, contudo, incommodar-se por isso.

Metteu o revolver no bolso e curvou-se sobre a retorta.

Um segundo depois, Harry afastou-se vivamente, desviando o rosto do orifício pelo qual espreitára até então.

—Tambem sente a dôr aguda nos olhos, sr. Holmes? perguntou.

O mestre accouo affirmativamente.

—Escute-se! a porta empurra toda a tua força, Harry! segredou o grande policia, n'uma excitação nada vulgar n'elle.

Se bem que os dois homens renhiam os seus esforços, empurrando a porta com os hombros e firmando os pés na parede fronteira, tudo foi inutil.

—Não podemos perder um segundo! exclamou Holmes. Elle fez sair o gaz! Em dois minutos estaremos mortos!

Pronunciou estas palavras e fez, com papéis que tirou do bolso, duas rollas, as quaes tapou, o melhor que lhe foi possivel, os dois orifícios da porta.

Encostando-se em seguida á parede e apoiando os pés á parede fronteira, que ficava pouco afastada, parecendo que para o esconderijo fira adaptada uma velha chaminá, o policia foi subindo pouco a pouco.

Harry seguiu-o a cuncto, porque sentia já terribes vertigens, pulsando-lhe o coração desordenadamente.

O proprio Sherlock Holmes sentia-se prestes a desfallecer.

Attingiu a pequena abertura superior, por onde entrava a luz e encostou a bocca, para conseguir respirar a luz.

Até ao mesmo tempo, puxou da navalha e foi destruindo com alicia o tecto.

Introduziu a lamina entre as pedras, tirando-as uma a uma, com a rapidez de que só elle seria capaz em situação tão angustiosa.

O orifício tornava-se rapidamente maior e, em pouco tempo, Sherlock Holmes pôde passar através d'elle.

Era tempo!

Só com grande custo conseguiu arrancar Harry

do esconderijo; o valente rapaz estava quasi inanimado.

Se Sherlock Holmes não tivesse obstruído tão rapidamente os dois pequenos orifícios da porta, não seria possível salvar o discípulo. Assim, porém, apenas uma quantidade de gaz infinitamente pequena conseguira penetrar no esconderijo, do fôrma que em poucos minutos, Harry Taxon voltava a si do desmaio.

Os dois homens achavam-se sobre o toldado da casa.

Era noite e por isso foi-lhes impossível chamar a attenção dos transeantes e salvar Robur Hall.

Só podiam pensar na sua propria salvação, se bem que não tivessem a menor duvida de que, entretanto o chimico morria victima da sua descoberta.

Com uma pressa febril, o policia começou a procurar qualquer meio de salvação, percorrendo o toldado em todas as direcções.

Conseguiu, depois de longos esforços, encontrar uma corda encostada a uma chaminé.

Sherlock Holmes desceroul-a, trepou até junto d'um arco de ferro e prendeu-a ali fortemente. Harry foi o primeiro a descer.

Fô-lo tentacionar Holmes seguiu-o, mas parecia não tencionar descer até ao fim.

Começou a dar impulso lateral á corda, repellindo sempre com os pés a parede, quando a oscillação ali o levava.

Os dois homens continuaram esse movimento peculiar até se acharem em frente do andar habitado por Hall. Quando o atingiram, Sherlock Holmes deixou-se levar com toda a força contra uma das janelas, despedaçando propositadamente os vidros com os pés. Em seguida, por entre uma verdadeira chuva de estilhaços de vidro, o genial policia deixou-se cair para dentro de casa, no que foi imitado por Harry Taxon.

Fica junto da janella ordenos e mestre, debruçando-se no parapeito e aspirando com força o ar puro da noite.

Harry sentiu immediatamente a fundada razão da advertencia do policia, pois os poucos segundos que esteve no quarto, antes de se debruçar da janella, foram o sufficiente para lhe provocarem quasi um desmaio.

Tremiam-lhe os membros, tendo de se agarrar á parede para não cair.

O gaz ia saindo lentamente pela janella.

Sherlock Holmes pôde atrever-se, finalmente, a penetrar no interior da habitação.

Ordenou a Harry que não se mexesse e que só o seguisse se ouvisse chamar.

Em seguida, cobriu o nariz e a bocca com um lenço dobrado e bem apertado e approxinou-se d'uma porta, acendendo luz.

Estendido no chão, via-se o corpo d'um homem. Holmes curvou-se sobre elle:

—E' Robur Hall! exclamou a meia voz.

Harry não pôde conter por mais tempo a curiosidade. Atou um lenço, como fizera o mestre e approxinou-se, mas recouo apavorado ao deparar-se lhe o rosto de Robur Hall.

As faces estavam verdes. Pareciam cobertas por uma camada de ardor, de tal fôrma lazias. Os olhos estavam salidos das orbitas. Os braços estavam horrivelmente contorcidos, bem como as pernas, demonstrando que a morte fôra precedida de convulsões horrozas.

Collete e casaco estavam rasgados.

—Está morto! exclamou o policia, que ajoelhou junto do cadaver. Aquella porta deve ser a do laboratório.

Dirigiu-se á segunda janella, que ainda se conservava fechada, abriu-a e esperou.

Harry saltou subitamente um grito, cambaleou e caiu. A pequenissima quantidade de gaz que penetrava pela fenda da porta e pelo orificio da fechadura tinha sido bastante, apesar do ar fresco, para lhe fazer perder os sentidos.

Holmes tomou-o nos braços e approxinou da janella. Algum tempo depois Harry voltou a si.

—Que horrivel veneno! murmurou. Tive a sensação de me arrancarem do corpo um a um, desfilando-o, todos os nervos.

Holmes encolheu os hombros, aspirou profundamente o ar e tornou a ater fortemente o lenço em volta da bocca e do nariz. Correu apressadamente para a porta, abriu-a e penetrou sem hesitação no laboratório, partindo os vidros da janella. Voltou immediatamente para junto de Harry, tremendo e cambaleando. Quando tirou o lenço, com o fim de tomar ar, Harry viu que o seu rosto tomára um tom acendadamente esverdeado.

—Perigosa coisa, este maldito veneno! murmurou o policia. Temos de esperar que o gaz se dissipe. Só pôde ter existido uma limitada porção dentro da retorta e o ar ha de vencer, finalmente.

Harry e o mestre tiveram de esperar perto de uma hora, primeiro que conseguissem penetrar no laboratório.

Não foi pelo pouco do seu espanto, ao deparar-se lhes no meio do espanto, estendido por terra, o corpo de que fôra o assassino de Robur Hall. O seu cadaver achava-se a dois passos da porta que conduzia ao corredor. Provavelmente, tinha tentado fugir, depois d'abrir a retorta. O gaz tinha, porém, vingado o seu descobridor. Espalhando-se com rapidez, alcançara o fugitivo e lançou-o ao chão, matando-o. Tivera tambem, como se depreendia da sua apparencia, uma luta tremenda com a morte.

Enterrára as unhas no tapete e torcera de tal fôrma o pescoço que tinha o rosto voltado para o dorso.

Sherlock Holmes arrancou-lhe a mascara, tentando reconhecer lhe as feições. O mysterioso mascarado, sobre quem o gaz actuára mais directamente, ficára, porém de tal fôrma desfigurado, que os esforços do policia fôrão inuteis. A descoberta de Robur tinha uma propriedade que elle proprio desconheceira, certamente. Modificava de tal modo as feições das victimas, que seria impossivel, reconhece-las. O nariz do morto tornára-se espantosamente comprido e aguçado; os labios estavam completamente contrahidos e saluados; as maxillas desmenuçavam-se e deslucidas, sahindo os dentes d'uma fôrma extranha. Os olhos tinham recuado para o fundo das orbitas e as pupillas tinham-se contrahido, de fôrma que semelhavam os olhos das cavidades. Era, enfim, impossivel restabelecer a apparencia e as feições que o cadaver tivera em vida.

Do rosto ficara apenas a parte ossas, coberta pela pelle.

—O principal effeito desse gaz parece ser a decomposição instantanea do sangue, exclamou por fim Sherlock Holmes.

O celebre policia passou a dar uma busca minuciosa ás algibeiras do morto.

Encontrou apenas um cheque de 50000 francos, assignado por um tal Hurl.

—Nada mais trazia consigo o homem mysterioso. Julga que esse cheque nos conduzirá á descoberta d'alguma coisa importante? interrogou Harry.

—Supponho que ha de pôr-nos em breve na verdadeira pista.

—Conheces esse senhor Hurl?

—Pessoalmente não. Mas já ouvi fallar d'elle E' secretario da embaixada americana.

Holmes abriu a porta do corredor. Harry precedeu-o, contente por sair d'aquella horrivel casa. Subitamente, soltou uma exclamação de surpresa e de horror.

—Sr. Holmes! Eis um terceiro cadaver!

D'um salto, o policia approxinou-se.

—Uma mother! Não, uma rapariga bastante nova! proseguir Harry, abrindo a janella do corredor.

A joven que se achava estendida sobre a passadeira teria, quando muito, dezemove annos d'idade. O finissimo oval do rosto era-lhe enquadra-do por abundante cabelo negro, d'um negro azulado. A infelicidade um traço de aridez. O rosto tinha tomado tambem uma coloração esverdeada, mas os olhos estavam semi-cerrados e Harry notou distinctamente que o peito arfava, se bem que levemente.

—Ella apertou a echarpe contra a bocca e o nariz, disse o policia, ao olhar-lhe as mãos brancas, adornadas de anéis. Além d'isso, pela porta da escadaria, que ella deixara aberta, entra bastante ar fresco. Por esse motivo, se muito lentamente o gaz foi penetrando no corredor. Espero que poderemos salvá-la.

O policia e o seu discipulo levantaram a joven e

desceram a escada, levando-a. Chegadas ao cubiculo do porteiro, Holmes telefonou para o posto de socorros sanitarios mais proximo e dez minutos depois a joven estava em tratamento, n'uma enfermaria especial.

Só na manhã seguinte estava em estado de ser interrogada.

A's seis da manhã, Holmes compareceu, acompanhado do seu inseparavel Harry junto do director.

—Já sabe o nome da joven, senhor doutor?

—Não, sr. Holmes; se quizer, podem a ir vel-a.

A enfermeira acaba de me dizer que ella recuperou os sentidos.

Acompanhados do medico, os dois homens penetraram n'um quarto particular, simplesmente mobiliado.

A toilette era e os anéis de valor nos dedos da rapariga, bem cuidada a expressão do rosto e as mãos extremamente fechadas se aristocraticas, demonstravam pertencer a uma pessoa da mother classe da sociedade.

A joven tinha os olhos abertos. A irmã da caridade desprendera-lhe o cabelo, que inundára as almofadas alvissimas em ondas negras e sedosas.

Apenas o seu olhar ficou o medico, que envergava a longa túnica branca habitual aos medicos do hospital, a do-n'te soltou um grito de pavor, exclamando:

—Já tirou a mascara? Vá se embora! Vá se embora! Tenham compaixão de mim, salvem-me!

As ultimas palavras eram dirigidas a Sherlock Holmes e a Harry.

—Parece-me que ficou com o juizo abalado, exclamou a irmã da caridade, approximando-se de leito, na qual a joven se sentára.

Sherlock Holmes impediu a de avançar.

—Deixe-a, irmã. Não creio que ella não saiba o que diz.

—Pardão! disse o medico. Esta menina não está em seu juizo, visto confundir-me com qualquer pessoa que alguma vez lhe inspirou receio.

Harry lançou de soslaio, um prolongado olhar ao medico.

Sherlock Holmes, porém, pediu com a maxima delicadeza:

—Se o doutor quizesse fazer-me o obsequio de se afastar por momentos; e a irmã tambem. Eu desejaria ficar a sós com a doente.

O medico fez um signal á irmã da caridade.

O policia e Harry ficaram junto do leito.

—Vim para salvá-la, declarou Holmes á joven. Lembra-se de tudo que succedeu?

«Sabe quem é e como se chama?

—Sou a filha do grande industrial Henry Morimés e mouro no boulevard Haussmann, replicou a doente. Não sei como eu encontre aqui.

—Mas recorda-se, naturalmente, da fôrma por que penetrou em casa de Robur Hall, em Clisby?

A joven fitou o policia com uma expressao de espanto e de recato, ao mesmo tempo que um fino ruor lhe cobriu as faces pallidas.

— Robur Hall? Eu estive em casa de Robur Hall? Isso e' impossivel!

—Pois encontrei-a em casa d'elle, minha senhora, e fui eu que a trouxe para aqui. Não se recorda então de que forma se achava em casa d'elle?

— Não, senhor.

—Conhecia pessoalmente Robur Hall?

— Elle visitava amavelmente meu pae, que lhe adheria os fundos necessarios para elle proseguir nas suas pesquisas e descobertas.

Sherlock Holmes fitou-a com um olhar penetrante:

— E Robur Hall estava esteve em relações mais intimas com... com a senhora?

A joven tornou a enrubescer e calou-se.

Segundos depois replicou:

— Não quero que faça supposições falsas, senhor. Robur Hall era um amigo da nossa casa e — a verdade — tinha-me confiado ha poucos dias o seu amor.

— E a senhora?

— Eu? Calou-se durante alguns segundos, declarando em seguida com uma franqueza que provava a confiança que lhe inspirára Sherlock Holmes: Eu amo outro!

— O homem da mascara?

— Oh! não me falle n'elle! Ha semanas já que me persegue.

— E não sabe quem se occultava detraz d'essa mascara?

— Não.

— Então pôde estar descansada de futuro, porque o homem da mascara já não pertence ao numero dos vivos.

— E' verdade: porque motivo sentiu um pavor tão extraordinario, quando viu entrar o medico?

— Porque elle tem os mesmos cabellos ruivos que eu vi varias vezes no homem da mascara e porque... espere... deixe-me reflectir. Ah! sim, porque a mascara tambem trazia ás vezes uma blusa branca, como o medico.

Sherlock Holmes ficou reflectindo, durante bastante tempo.

— Está bem, exclamou. Espere, minha senhora, que possa ser transportada ainda hoje para sua casa. Provavelmente estará já restabelecida amanhã.

Ha de encontrar-me e ao meu amigo, em casa de seu pae. Posso pedir-lhe que me conceda um favor, em paga do que lhe prestei?

— Certamente! Se em posso ser-lhe util em alguma coisa, se posso demonstrar lhe de qualquer modo a minha gratidão peço-lhe que disponha de mim.

— Como lhe disse já, ha de encontrar-me e ao meu amigo. Taremos, porém, adoptado nomes que lhe são

totalmente desconhecidas e rogo-lhe que nos trate como se nunca nos tivesse visto.

— Assim farei. Comprehendo porque proceda d'assim modo e espero, no meu proprio interesse, que veja os seus esforços coroados de successo. Não posso ainda comprehender como me encontrava em casa de Robur Hall.

«Tem a certeza de não se enganar, senhor?»

— Não, não me engano, assim como não me engano sobre a forma porque foi parar a casa do chimico. Outra vez, porém, fallaremos n'isso.

Sherlock Holmes curvou-se, agradecendo as informações e saiu do quarto acompanhado de Harry.

CAPITULO II

Novos mysterios

Ainda n'essa manhã, Henry Merimé e a senosa fizeram-se conduzir ao hospital e levaram sua filha Eugénia para casa.

Henry Merimé habitava o primeiro andar d'uma casa gigantesca do boulevard Haussmann. Era um homem extranho.

Em virtude de especulações felizes, attingira em pouco tempo uma espantosa fortuna; differenciava-se, porém, dos parentes, semelhantes em ter conservado uma forma de pensar e de proceder a si e em estar prompto a auxiliar sempre os que d'elle necessitavam.

No segundo andar do predio habitava o dr. Sardour, medico indio, que tratava as pessoas da casa de Merimé. O indiano conheceu o medico durante a sua prolongada estada na India e trouxera o commigo para Paris.

O terceiro andar era habitado por um official nobre, que vivia com a familia e no quarto morava um pintor parisiense, Pierre Castouf.

Henry Merimé, apesar de não ser grande amigo de festas e banquetes, era casado com uma mulher ainda nova e cheia de vida, que gustava de se ver rodeada da melhor sociedade de Paris. No seu dia de recepção, que era ás quintas-feiras, começavam as visitas ás cinco horas da tarde, seguia-se o jantar de muitos talheres e até de madrugada podiam vêr-se nos seus salões as celebridades de Paris, nas artes, nas letras e na politica. Officiaes d'alta patente, juntavam-se a jornalistas e ploteiros, comendadores e homens da bolsa, acompanhados das esposas.

O conde de Massow e o seu amigo, barão de Hofenst, tinham sido apresentados n'aquelle dia á dona da casa. Eram dois homens altos, musculosos e elegantes, mais altos que os parisienses algums pollegadas e attrahindo sobre si as attençãoes geraes.

Se outro convidado era d'igual estatura e se não

fosse uma figura já sobrejamente conhecida, certamente que o teriam admirado mais ainda do que a Holmes e a Harry, que tinham dado entrada em casa de Merimé sob o disfarce d'um grande e d'um barão. Esse outro era Elias Sardour, o medico indio, uma figura estranha, bizarra e interessante ao mesmo tempo.

Vestia sempre sobrecasaca negra e collete branco, e sobre o cabelo negro oôr d'aza d'corvo, usava um grande turbante vermelho. O rosto bronzeado contrastava estranhamente com o vermelho purpura do turbante. Os seus olhos, sempre em movimento, com as pupilas perfectamente tremendo, e-m possuiram uma expressão definida, não demonstravam nem bondade nem crueldade; nem avar, nem odio; nem franqueza ou falsidade.

Sherlock Holmes conseguiu encontrar occasiã de trocar algumas palavras com Eugénia, sem ser notado.

— Parece-me, minha senhora, que se acha restabelecida do abalo provocado pela sua aventura nocturna? perguntei.

— Estou, murmurou Eugénia. Não imagina: não ha meio de ter socego. Não sei o que se passa em nossa casa. Esta noite, o homem da mascara entrou no meu quarto.

«Viu-o durante alguns segundos e desapareceu em seguida.»

— Isso dá que pensar! declarou o policia.

— Julguei que o homem da mascara tivesse morrido. Parece, porém, que n'esta casa ha uma predição especial pelas mascaras.

«Porque motivo accordou? Ou não tinha adormecido?»

— Estava dormindo e acordei em virtude d'um subito ruído. Vi então um mascarado, com uma mascara vermelha. Fiquei tão assustada que nem pude gritar. Um momento depois, o miseravel desapareceu.

— Nada lhe faltou?

— Faltam-me todos os meus diamantes.

— Ah! exclamou o policia com um sorriso. Ha então um motivo para o facto. E' verdade, quem é aquelle rapaz, parado junto do grupo de palmistas, que nos está observando tão curiosamente e que durante toda a noite não tem deixado de seguil-a com a vista?

O policia, ao dizer estas palavras, fez um gesto, sem deixar de fitar insistentemente a joven.

Harry viu-a olhar-se vermelha. Ficou comprometida, virando o resguardo o leque.

— A quem se refere, senhor?

— Sabe muito bem de quem fallo, minha senhora, replicou Holmes. Não se zangue por se commetter a indiscrção de affirmar que aquelle cavalheiro mereceu todo o seu interesse.

— Não quero...

— Bem vê! E quem é aquelle rapaz?

— Foi empregado n'um banco e trabalhá já ha algum tempo como secretario de meu pae.

— E chama-se?

— Francisco.

— Qual é o seu apellido?

— Francisco Villiers.

Este pareceu comprehender que se fallava d'elle e afastára-se, desaparecendo entre os convidados. A joven foi convidada para dançar e afastou-se egualmente.

Harry ia dirigir uma pergunta ao mestre, quando viu este approximar-se d'um homem, cujo aspecto dingo o tinha já interessado. A barba e o cabelo eram brancos de neve, destacando do rosto vermelho, respirando saúde, ao qual davam um ar distincto uns oculos d'aços d'ouro.

No momento em que passava junto de Holmes, este deteve-o.

— Um momento, senhor.

— Que deseja?

— Sabe que me interessa sobremaneira?

— Perdão, mas isso não é motivo para que me impeça de seguir o meu caminho!

— Ei, sim, senhor, porque vejo que a sua barba é postica.

— Sériamente? Então pôde garar-se de possuir uma vista admiravel. Mas... aposto com contra um que o senhor é Sherlock Holmes.

— Bravo; adivinhou. E o senhor?

— Sou o commissario de policia Barharouch.

— Espelndido! E que faz o senhor aqui, disfarçado em honrado velhote?

— Estou encarregado de encontrar o homem que roubou a noite passada os diamantes da filha do dono da casa.

— Ah! apresentaram queixa á policia!

— Puddal! E é um caso inexplicavel.

«Imagine: o quarto da joven senhora é completamente isolado e rodeado por paredes solidas. Ha uma escada que conduz ao boudoir da mãe d'elle e, atravessando este, passamos ao quarto de dormir do pae. E' verdade que ella ficou toda a noite com as janelas abertas, mas não é crível que um ladrão conseguisse entrar do lado do boulevard, sem ser visto. Até agora estou, positivamente, sem saber por onde hei de começar as minhas diligencias. Tenho, porém, a impressão que é dentro de casa que devo procurar o ladrão.»

— E parece-me que não se engana, concordou Holmes.

N'este momento, uma terceira pessoa veio tomar parte na conversa. Elias Sardour approximára-se sem ser apresentado.

— Porque estáo esforçando d'essa forma o cerebro, meus senhores? pergunto, com um sorriso que fez

estremecer Harry. Procuram um criminoso, não é verdade? O homem da máscara vermelha?

—Como sabe isso? perguntou o commissario em tom de poucos amigos.

—Como não hei de saber-o? Sou o medico da casa e sou eu o primeiro a quem confiam todos se as pas sa. Estou porém certo que nunca encontrarei o homem que procuram, seguindo os seus processos. Para que temos nós a magia negra? Para quê a força de vontade? Raton certo que podemos evocar esse velho desconhecido n'uma secção d'espíritos. Sendo assim, elle virá, comprehendem? Virá, porque eu assim quero!

A força de vontade, o imperio da vontade é o elemento mais forte que existe no mundo. Sou capaz de arrombar o ceu, se quizer.

Harry conteve um sorriso, mas estremeceu ao fiar o rosto do indio. Este homem tinha qualquer coisa estranha, indizivelmente horrivel, no seu todo. Os olhos brillavam-lhe como phosphoro e parecia fallar com convicção.

O commissario de policia encolheu os hombros e exclamou:

—Nada de pantomimicos, dr. Sardour! Se a policia trabalhasse com o espiritismo estava bem arranjada.

—Estou prompto a provar o que affirmo, replicou o doutor Sardour.

—Gostaria immenso de assistir a uma sessão, redarguiu Holmes com a maxima seriedade.

O indio voltou-se logo para elle.

—O senhor acredita nas forças secretas da natureza, não é verdade? (Oh todos os homens indigenas creem n'ellas. Existem coisas horribis, entre o céu e a terra, de que os homens não possuem a minima suspensa. Eu vejo tudo! Vejo as almas, que des em e sobem como flocos de neve. Sinto a força poderosa e mysteriosa de Deus Ora veja, disse, pegan do no braço de Holmes o puxando-o para o vito d'uma janella, vê a menina Eugénia atravessando a sala? Não parece um anjo? E' encantadora! Existe alguma coisa mais bella? Que é a Madona de Raphael, comparada com ella? Que são as maravilhosas descrições do Vada em comparação d'ella? Eu tenho cincoenta annos, senhor, e aquella creança dessete. E contudo, affirmo ter já visto, na India, ha muitos annos, a mesma rapariga. Era então a filha d'um rajah e morreu. Ha de fallar-me de semelhanças; mas eu affirmo-lhe que não se trata aqui d'uma semelhança. E' a alma da filha do rajah que habita agora aquella corpo. Não comprehende isto, não é verdade? Pensei comprehendo eu! Eu comprehendo tudo. Eu tinha um grande poder sobre a filha do rajah. Conto-lhe isto apenas para lhe provar como são mysteriosos os desenhos da natureza. Em Eugénia dormitam grandes mysterios, que não devemos despertar.

Afastou-se um pouco e reteve o commissario, que queria partir, enfadado.

—Quer vir a minha habitação esta noite? Quando? Pergunha das duas horas. A essa hora deve ter saído já quasi toda a gente. Suba então a minha casa, no segundo andar. Tentarei mostrar-lhe o homem da máscara vermelha.

O commissario olhou para Sherlock Holmes. Este fez um gesto approvativo e combinaram cattivo com o indio, que iriam todos a casa d'ella á hora combinada.

O medico parou-se e afastou-se. O commissario Barbarouche exclamou:

—Se o homem não é doido, sr. Holmes, mascoos me moriam.

Sherlock Holmes, sorriu, sem responder.

Entretanto, o commissario encontrou outras pessoas, com as quaes passou a palestrar durante o resto da noite. Harry deu subitamente pelas desapparecimentos do mestre. Procurou e em todas as salas, e, como não o encontrou, desceu a escada. Quando ia a atravessar o vestibulo, abriu-se uma das portas da oave, do lado direito, e surgiu o policia.

Apagou a lanterna de furtiva fogo que trazia consigo, dobrou a e mettu-na na alageira interior do casaco.

—E' como eu pensava, murmurou.

—Não me vê, mestre? exclamou Harry. Que está dizendo?

Sherlock Holmes pareceu acordar d'um sonho. Fitou Harry durante alguns segundos e replicou então:

—O crime prevê da propria casa, meu querido Harry. O que é duvidoso é se conseguiremos achar a tempo a verdadeira pista, pois estou habilitado a dar tempo, por enquanto. Parece ser impossivel penetrar no quarto da joven. Equamente impossivel me parece penetrar-se nos aposentos da mãe d'ella e quanto aos do marido...

—Ah! Até que enfim o encontro, sr. comde, exclamou uma voz jovial. Era o dono da casa. Tem andado a examinar a minha casa? E' bonita, não é verdade? Comprei a ha um par d'annos. Ha uma cinquentas annos esteve aqui installada a legação turca e, durante a Communa, o comde revolucionario teve aqui as suas sessões. E' uma casa historica, não é verdade? Vamos até lá acima, para não sentirmos a falta de tão agradaveis hospedes.

Sherlock Holmes e Harry seguiram-no.

O grande policia notou que Mr. Myrémie mettia uma pilula branca entre os dentes.

—Admiras, comde? perguntou Myrémie sorrindo ao observar os olhares do policia. Soffro de f rtes enxaquecas e diz-me o medico que não incuráveis. Apabei isto na India. Felizmente, sempre que tomo estas pilulas, abrandam bastante.

—Nesse caso, far-me-ia um grande favor ceder-me uma, pois tenho terribis dores de cabeça.

—Com o maior prazer, retorquiu Myrémie, met-

tendo a mão no bolso e offerecendo a Holmes uma pilula. Em seguida perdeu-se entre os seus convidados.

—Julga que isso contenha veneno? perguntou Harry.

—Se assim fosse, Myrémie não faria uso tão frequente d'ellas com relativo successo, ex-lamou Holmes ironicamente, dirigindo-se para o vito d'uma janella e esmagando a pilula com os dedos.

Collocou em seguida sobre a lingua uma pequena porção.

—Hum! Logo vi.

—Que é, mestre?

—A pilula contém principalmente norecino, um producto feito de papoula, brometo e chloroformio, mas deve ter tambem outros anestesicos e soporificos que se a analyse chimica pôde descobrir.

—Os preparados obidos das papoula são, geralmente, recitados para as dores de cabeça, senhor Holmes?

—De modo nenhum. São soporificos esplendidos. A composição d'esta pilula, porém, torna-a não só um soporifero como um anestesico que pôde e deve ser prejudicial á saúde de Myrémie.

—Com os demonios! fez Harry. Isso abre nos uma nova perspectiva. Talvez o doutor Sardour não seja tão doido como que parece.

—Esperemos, para formarmos uma opinião segura, retorquiu o celebre policia. São quasi duas horas e retiraram-se já quasi todos os convidados. Vamos agora, para não sermos notados e dirigimo-nos-hemos á habitação do dr. Sardour.

Mois hora depois, o genial policia, Harry e o commissario de policia Barbarouche, encontraram se num quarto, extranhamente illuminado por uma lampada de luz mercuria. O quarto estava luxuosamente mobiliado. Em frente dos tres homens estava pendurado um grande quadro, representando um episodio da historia sagrada. As restantes paredes eram cobertas, em parte, por quadros a oleo e em parte por armas e tapearias.

Ellas Sardour convidou os seus hospedes a sentarem-se sobre um turco muito baixo. Em seguida baxou a luz até quasi não se vêr nada, sendo impossivel reconhecer as pessoas que se achavam presentes.

—Viam-se apenas os contornos, muito indistinctamente.

—Tens o teu revolver preparado, Harry? perguntou Holmes em voz baixa.

—It right, mestre! Os preparativos parecem mostrar que nos querem mandar d'esta para a melhor, sem illuminação!

Entretanto, o dr. Sardour collocou no meio do quarto um caldeirão de bronze, com tres pés, lançando-lhe dentro alguns carvões acesos.

—Pégo-lhes que não fallam, meus senhores! exclamou.

mou Sardour, ao perceber que entre Harry e Sherlock Holmes se trocavam algumas palavras. Se fazem ruido, afugentam os espiritos.

O commissario tossia tão fortemente que o fumo que subia do caldeirão, oscilou e dissipou-se.

—Tem de estar tranquilos! ordenou Sardour zangado.

—Ainda está ahí, sr. Holmes? perguntou o commissario em voz muito baixa.

—Estou. Julga que sei o que vou.

—Não, mas não me ajito bem.

—Nem admira! O figurão está a presentear-nos com o gas proveniente do caldeirão! D'aqui a cinco minutos já não s'ão onde é o tecto e onde é o chão.

—Sinto-me mal, mestre, participou Harry.

Sherlock Holmes pensou em acabar com o gracejo. O dr. Sardour parecia insensivel. Com uma pequena vara fazia alguns cabalinhos, descrevendo circulos em volta do caldeirão, e murmurando phrases que nenhum dos presentes comprehedia. A nuvem de fumo tornava-se cada vez mais densa. Harry perdia por completo a noção da realidade, sob a influencia dos gases deletorios, assim como o commissario Barbarouche. Sherlock Holmes só a custo dominava o torpor que o invadia. Quis levantar-se e exigir que fossem abertas as janellas immediatamente, mas não pôde.

Atravessou-lhe o cerebro o seguinte pensamento, formulado com nitidez:

—Este mis-ravel envenena-to e tu foste sufficientemente tolo para te prestares á sua perigosa experientia.

Sucedea então um facto inesperado, que sacudiu os nervos dos tres homens, fazendo os volver á realidade.

O dr. Sardour disséra repentinamente algumas palavras, pronunciadas n'uma lingua extranha.

Rasguou-se então a nevos e um grito horrivel ecoou no quarto.

Era a voz d'uma rapariga, gritando como se estivesse a morrer. Atravéz um ligeiro vito de fumo e de vapor, deixava-se uma figura d'homem, em traje de soirée. Uma máscara vermelha cobria-lhe o rosto e apertava nos braços uma joven, vestindo apenas uma camisa de noite, que occultava os olhos com as mãos, semi mortas de pavor.

Esta appareição durou um curto momento. Sherlock Holmes empregando toda a energia de que dispunha, levantou-se. Harry e o commissario caíram para o lado.

O dr. Sardour saltou um leve grito, caíndo desmaiado sobre o tapete.

Sherlock Holmes lançou-se sobre a appareição, fazendo tombor o caldeirão e rolar sobre o tapete preciosos os carvões ardentes, mas as suas mãos só encontraram o espaço.

Nada mais viu. As duas figuras tinham desap-

recido e o sapócio era completo. O polícia cambaleou, mas conseguiu approximar-se da janella e abriu-a.

O ar fresco penetrou no quarto e dissipou os vapores venenosos.

Harry esfregou os olhos, no que foi imitado por Barbarouche, que participou sentir-se muito agoniado.

—Viste a extranha appareição, Harry? perguntou Sherlock Holmes.

Harry recordou-se immediatamente.

—Vias-a distinctamente, sr. Holmes. E' impossivel que o senhor se tenha enganado. Foi tão horrivel, que desmaiei.

Harry odiou para o ponto onde appareceu a horrivel visão. O fumo dissipara-se. O dr. Sardoniu continuava inanimado, estendido no tapete.

Emquanto Sherlock Holmes tratava d'elle, o commissario Barbarouche perguntou:

—Tambem viu, não é verdade, sr. Taxon?

—Sim, sr. commissario.

—E como explica aquillo?

—Não comigo encontrar essa explicação.

—E' supersticioso, sr. Taxon?

—Não sou, sr. commissario. Quem lida e aprende com o sr. Holmes, perde logo essas defeições.

—Hum! Pois eu nunca fui supersticioso. Mas parece-me que devem existir espiritos, não acha.

—Isso é uma pergunta a que não me acho com competencia para lhe responder, sr. commissario. Sherlock Holmes affirma não existir nada no mundo que não tenha uma explicação natural.

—Sim? Hum! Pois o que vimos esta noite não me parece que tenha explicação. Eu devia queixar-me de terem terem tentado hoje assassinar-me, mas não sei contra quem hei de fazer a queixa.

Nesse momento, o dr. Sardoniu recuperou os sentidos. Olheu em volta com olhos espantados, levantou-se lentamente e exclamou:

—Não tive razão? Que horrivel espectáculo!

Sherlock Holmes approxima-se do indio e disse-lhe sem o desfiar:

—Costuma fazer muitas d'estas experiencias?

—Algumas vezes.

—Sim? E as experiencias terminam sempre assim?

—Nem sempre Deus me livre. Eu não queria assistir segunda vez ao vi hejor. Ah! a pobre rapariga! E' verdade, disse, dirigindo-se a Barbarouche, ouvi que o senhor é commissario de policia. Não lhe seria possivel arranjar me o cadaver da menina Eugénia Mermée, no caso d'elle ter sido realmente assassinada esta noite?

—O senhor está pedindo? Nunca vi uma coisa assim, exclamou o commissario.

O indio, porém, continou, imperturbavel:

—Eu tenho um grande desejo de proceder a uma experiencia, sabe? Uma experiencia scientifica. Ver-

dadelamente, só dá bom resultado sendo feita sobre uma pessoa viva.

Afastou-se, depois d'estas palavras, dirigindo-se para a janella.

Barbarouche disse para Holmes:

—Se me demoro mais tempo aqui, sr. Holmes, endoicço por completo.

O grande criminalista acenou affirmativamente.

—Vamos embora.

Quando iam descendo a escada, todos tres, Harry rompeu o silencio.

—Não posso resistir á tentação de lhe pedir que me explique uma coisa, sr. Holmes. Qual é a sua opinião, acerca do que nos succedeu esta noite? Terá uma explicação natural, o que vimos?

—Não tenho eu dito sempre, meu querido Harry, que não ha nada sobrenatural no mundo? Tudo se explica tão claramente como a mathematica. Quanto ao tal sr. dr. Sardoniu, nós veremos.

Harry fi-o sabendo tanto como antes. Concluiu-se com a ideia de que Sherlock Holmes nunca fallava n'um assumpto que estivesse pendente, emquanto não pudesse fazer, com absoluta certeza, a sua diagnose.

Era claro, porém, que d'esta vez o genial policia encontrava-se ainda n'um cahos de indicios contradictorios.

Quando os tres homens chegaram ao primeiro andar, viram sair dois creados, com caras de caso, dirigindo-se apressadamente ao segundo andar.

—Succedem alguma coisa? perguntou Sherlock Holmes, burxando do relógio. São apenas cinco horas da manhã!

Um dos creados parou, exclamando:

—Henry Mermée está morto!

O policia e os seus companheiros penetraram immediatamente em casa do industrial. A sr. Mermée, uma mulher de quarenta annos, ainda formosa e elegante, veio ao encontro dos recém-chegados.

—Que desolym, senhoras? Como entraram?

—Sou medico, replicou Sherlock Holmes. Conduzamo-nos para junto do sr. Mermée.

Ella logo mudou de attitude.

—E' medico? Que feliz acaso, meu Deus! Venha, venha depressa; talvez ainda não seja tarde.

Procedem os tres homens e conduziu-os ao quarto de dormir. Henry Mermée estava estendido na cama. O rosto estava verde, cõr da herva; o nariz prolongado e extremamente encurvado e os olhos contraidos.

O commissario de policia voltou-se horrorizado.

Harry segredou:

—O veneno de Rober Hall.

O dr. Sardoniu chegou n'esse momento e declarou que Henry Mermée fôra envenenado. Sherlock Holmes pegou n'um lenço que se achava junto do rosto do morto.

—Este lenço continha o gaz, explicou. Mas para

lhe produzir a morte, foi necessario que algum l'ho apoiasse sobre o rosto.

Ao dizer estas palavras, não desviava a mulher do morto. Ella ficou-o tambem com firmeza, sem pesta-nejar.

—Não pode pensar-se que tenha entrado aqui algum, disse em voz baixa. E quanto a mim, senhor, estou acima de toda a suspeita. Amava meu marido, todos o sabem.

Um vulto branco approximou-se, vindo do lado do quarto da mulher de Mermée. Era Eugénia.

Tinha vestido um penteador branco. O cabelo estava alto, esperou pelos hombros. Apenas se apercebeu da presença dos homens, enrubescou e quasi retirou-se. Sherlock Holmes, fez-lhe, porém, signal que ficasse.

—Como vens tu aqui ter? perguntou a mãe surprehendida.

—Tive medo de vir, primeiro. Mas depois, como ouvi vozes... Tive um sonho horrivel!

—Ah! exclamou Holmes, acordou durante a noite?

Nem uma só vez. Tive hontem dores de cabeça e meu pae deu-me uma das suas pilulas. Quando assim succede, durmo sempre optimamente. D'esta vez, porém, passei uma noite horrivel. Tive a impressão de que ouvia meu pae gemer; mas não tenho a certeza, sonhei apenas. Levantei-me, dormido, dirigi-me á porta e queria descer a escada, para acudir a meu pae ou para perguntar á mamã o que succedera, quando sonhei que me agarravam de repente e que me levavam não sei para onde, para me assassinarem. Quando acordei, porém, achava-me na minha cama.

Só n'esto momento é que Eugénia reparou no cadaver do pae. Compreendeu então que não sonhara que ouvia os gemidos do pae, mas que os ouvia, realmente.

Cabiu de joelhos junto do leito, cobrando desesperadamente e abraçando o cadaver, com exclamações de sincera dôr.

O commissario de policia ficou etxatico.

—Se faço um relatório contando tudo isto e se o entrego ao prefeito, sr. Holmes, recebo a minha demissão e há de me dar o conselho de tomar *douches* frios.

—Faça o seu relatório laconicamente e deixe-se de pormenores, retorquiu o grande criminalista. As explicações de tudo isto, dá-las hei eu. Pouco a pouco, as coisas vão-se esclarecendo. Parece-me que já tenho na mão os fios todos d'esta complicada meada.

As ultimas palavras pronunciara-as Holmes em voz baixa.

Em voz alta proseguiu:

—Julgo, meus senhores, que nada mais temos a fazer aqui. O obito d'este infeliz está confirmado e só nos resta avisar a policia. Sente-se com animo de dar me alguns esclarecimentos, minha senhora?

A mulher de Mermée retorquiu:

—Com prazer, senhor.

—Henry Mermée tinha inimigos?

—Meu Deus! Não sei. Ha certamente muita gente em Paris que lhe queria mal. A fortuna sempre teve inimigos. Meu marido era um homem honesto, profundamente honesto. Era habil no seu *trader* e ainda na ultima exposição industrial obteve o primeiro premio.

—Isso não me interessa, minha senhora. Hontem ou ante-hontem, deu-se qualquer acontecimento anormal, succedeu qualquer facto desusado?

—Não, isto é, sim.

A mulher de Mermée lançou um olhar á filha e ordenou-lhe:

—Afastate, minha filha. Não deveis ouvir o que vou contar.

A ternos o sensivel Eugénia pareceu, porém, repentinamente disposta a saber tudo se se relacionava com a morte do pae, não arredando pé.

—Deixe ficar sua filha, disse Holmes, ao ver que a joven não queria afastar-se. O que vae dizer não ha de ser tão terrivel que a menina Eugénia não possa ouvir.

A senhora Mermée fez-se vermelha de cólera e gritou para a filha.

—Já que queres ouvir, aqui tens: Confessa ha quanto tempo duram as tuas relações infamezas com Francisco Villiers?

O tom que a senhora Mermée adoptou, ao pronunciar estas palavras, magoou profundamente Eugénia e todos os presentes.

A filha respondeu-lhe:

—Não tens razão, mamã, de fallares em relações infamezas. Sim, confesso, amo Francisco Villiers e nada desejo tanto como ser sua esposa. Creio, porém, que do facto de eu me ter encontrado um dia com elle e lhe ter jurado que havia de lhe ser sempre fiel, não podes tu inferir que as minhas relações com elle sejam infamezas.

—Mas certamente que posses! Só a mim e a tuos pae pertencia escolher-te marido. E podes ainda a vontade Francisco Villiers, que só casará com o marquês de Vaucour!

A joven rompeu em copio e choro.

—Mas se eu não amo! Que importancia tem porém isso tudo, no momento em que damos pela morte de meu pae?

—Acho melhor tratarmos d'esse assumpto em occasião mais opportuna.

—Fallo n'isso porque este senhor, que pertence provavelmente á policia, pediu que o esclarecesse, retorquiu a senhora Mermée.

Não reconheceu em Sherlock Holmes o conde da noite anterior, pois o policia tinha já alterado a caracterisação.

— De resto, continuo, tenho a' participar-te que Villiers teve a ousadia de pedir hontem a tu mãe.

— Ah! E nada me distarém, nem tu ao meu papa?

— Não. Combinamos calar-nos e prohibimos a Villiers que voltasse a aproximar-se de ti.

— O papá recusou-lhe acesso a minha mãe?

— Recusou. Tanto elle como eu fomos de opinião que Francisco Villiers não era partido para uma rapariga como tu. Uma herdeira de quatro ou cinco milhões de francos não casa com um pobre secretario, que não tem onde cabir morto.

— O senhor Villiers pediu hontem a mão da minha Eugénia? inquiriu Holmes. E qual foi a sua attitude ao receber a recusa?

— Fugiu furto muito indignado, retorquiu a senhora Mérimee. Apostrophou furiosamente meu marido, insultou-o e jurou que não ficaria sem vingança uma tal affronta.

— Esse facto é d'uma capital importancia, exclamou o commissario Barbarouche, avançando. Então esse rapaz pronunciou ameaças contra a tua filha? Vou ordenar immediatamente certas pesquisas, no sentido de agurar se esse homem é creatura inclinada a violencias.

— Esquece porém, interrompeu Sherlock Holmes, que é preciso que Villiers pudesse penetrar n'esta casa. Como poderia elle penetrar no quarto do senhor Mérimee, sem que esta senhora o ouvisse?

— Tenho o summo muito pesado, replicou a senhora Mérimee. Não ouvi, por exemplo, os gemidos de meu marido, enquanto que minha filha pareceu ter-me ouvido.

— Tudo se esclarecerá quando se souber onde esteve durante a noite o tal senhor Villiers, disse Barbarouche. Vou já a casa d'elle e informar-me hei dos passos que elle deu.

— Posso em informal-lo, senhor commissario, esclareço Harry. Esteve n'esta casa, assistindo á recepção.

— Sim, eis conveidi-o, acrescentou a senhora Mérimee, pois não quiz collocá-lo numa situação falsa.

— Bem. Terá de provar então em que empregue o tempo, desde que d'aqui sahia.

Barbarouche preparava-se para sair, quando um vulto se dividiu na escuridão do corredor. Como nenhuma das pessoas presentes tinha olhado para alli, a pessoa em questão conseguira chegar á porta sem ser notado. Estava já próximo do pátamar, quando Barbarouche saltou sobre elle.

— Agarrei-o! Agarrei-o! gritei, uma alegria infantil.

Arrastou para dentro do quarto o prisioneiro, que debalde tentava resistir.

Todos concentraram a attenção sobre o recém-chegado.

Eugénia solto um grito e cahiu de malada. Nos labios da senhora Mérimee desenhou-se um sorriso, se tanto podia ser de terror como de ironia. Harry

ficou surprehendido e só Sherlock Holmes franziu o sobrolho, d'uma forma que, nelle, significava: Aqui ha qualquer coisa que não corre bem!

O homem que o commissario de policia arrastára consigo era Francisco Villiers.

Após os primeiros momentos de confusão, a senhora Mérimee aproximou-se do recém-chegado, que não desistia Eugénia, a qual voltara a si, e gritou-lhe:

— De onde vem o senhor? Que estava fazendo ahí? Estava escondido? Não tinha então sahido? Foi o senhor que assassinou meu marido!

— Isso é falso! exclamou Francisco Villiers. Nem isso pensei. Juro-o por Deus!

— Deixe-se de declamações, disse-lhe o commissario Barbarouche. Responda sem tergiversar: Como appareceu agora aqui? Passou toda a noite escondido n'esta casa?

— Sim, senhor commissario.

— E porque motivo? Responda depressa!

— Eu... eu não sei!

— Creio que escusamos de estar a perder mais tempo decidindo Barbarouche, pendo a mão no hombro de Villiers. Em nome da lei, está preso!

Francisco Villiers ajoelhou quasi:

— Afianço-lhe... juro-lhe... é impossivel que...

— Vamos! commandou Barbarouche, empurrando o prisioneiro para o corredor.

N'este momento, o pobre rapaz deixou cabir um pequeno bilhete, muito doado, Eugénia avançou para apanha-lo, mas Sherlock Holmes foi mais rapido.

— Pegou no papel e metto-o no bolso.

— Depois th'o darei, disse o policia a Eugénia, que recuou, comprometida e corando.

CAPITULO III

Triste noite de noivado

Algumas semanas tinham decorrido, durante as quaes Sherlock Holmes fizera inúteis esforços para desfiar a mecha, que envolvia o crime de Clichy e o do boulevard Haussmann.

Estava sentado no hotel em que habitava, fumando o seu cachimbo. Em frente do policia estava sentado Harry, occupando-se a limpar o revolver.

— Ouviu dizer que a senhora Mérimee se zangou com o doutor Sardon, o antigo medico do marido, senhor Holmes? Sardon pressa a morar em Antuill.

Sherlock Holmes acenou affirmativamente.

— Está desoccupada a casa em que vivia o medico.

— Não desgozava de a alugar, se fosse possível.

— Como, senhor Holmes? Quem o impede?

— E' que madame Mérimee não aluga a casa, por-

que está a prepara-la para n'ella habitar o marquês de Vaincourt.

— Como? Elle vai morar para lá? E' então verdade o que dizem os jornaes? Eugénia sempre casará com elle?

— Assim parece. Cedeu das imposições da mãe, tanto mais que Villiers não foi posto em liberdade e, muito provavelmente, será condemnado. Efectivamente, ha muitos indicios que o compromettem; o que é ainda um enigma e a forma como elle obteve o veneno de Robur Hall, que era um segredo do seu descobridor.

— Julga Villiers um assassino?

— Não, Harry.

— Se reflectirmos, porém, que elle jurou vingar-se de Mérimee; que foi encontrado em casa d'este na noite do assassinato, tudo legitimo, effectivamente, o procedimento da policia. Até este momento, eu, senhor Holmes, tive-o sempre como o assassino de Henry Mérimee.

— As provas da sua culpabilidade são bem fracas, na minha opinião, retorquiu o c-b-hre policia. Tu és exactamente no mesmo erro em que labora a policia meu querido Harry. Aceitamos um facto, antes d'elle estar provado, e partes logo d'um principio errado. Ora vamos a examinar detalhadamente as coisas: Diz-se que Villiers ameaçou Mérimee. Quem foi testemunha d'essas ameaças? Mérimee e a mulher. Mérimee morreu. A esposa debê affirmar, porém, uma coisa que ninguém nos garante que seja verdadeira, tanto mais que Villiers nega terminantemente ter feito quaesquer ameaças. Quando á sua presença em casa do assassinado, durante toda a noite, é igualmente facil de explicar.

— Como, senhor Holmes?

— Recordaste do bilhete que Villiers deixou cabir ao ser levado pelo commissario? Aporrei-me d'elle. Villiers tinha-o escripto antes de ser preso. Segundo parece, elle tinha previsto a eventualidade de ser descoberto. E' um rapaz novo, audacioso, a quem o amor quasi enloqueceu. Toms, lá.

Sherlock Holmes entrou-o a Harry um pequeno pedaço de papel branco e o joven dissipulo leu:

«Não cessar! nunca de amar-te, mesmo que tivesse de morrer por ti. Escrevo-te estas linhas, porque não consigo achar occasião de falar-te a sós.»

Harry sorria.

— A razão da sua estada em casa de Mérimee, de noite, deve então suppr-se que fôsse o desejo de ter uma entrevista com a namorada?

— Sem duvida. Elle não conhecia os habitos da casa, porque se os conhecesse não teria ficado durante quatro horas escondido: atraz d'um repostoiro. Desesperado por ter sido repellido por Mérimee, e por não ver possibilidade de conversar a sós com Eugénia, fez o que fazem todos os apaixonados: escolheu o peor caminho para obter o que desejava! Acasalava,

muito provavelmente, a esperança de encontrar a joven no corredor, antes d'ella recolher ao seu quarto? Faltou essa esperança e o pobre rapaz viu-se de repente envolvido n'um assumpto para o qual, muito provavelmente, em nada concorrera. Nota que digo provavelmente. E' claro que provas não tenho.

— E que me dix ao horrivel resultado da evocação espirito do doutor Sardon, senhor Holmes?

— Fallaremos n'isso mais tarde, retorquiu o policia sorrindo.

— E o homem da máscara?

— Não é, sem duvida, o mesmo que encontramos morto em casa de Robur Hall!

«A coisa é bem simples. As pessoas que não de- sejam ser conhecidas, ao enfarrascam a cara ou põem uma máscara. Se, n'um caso como o presente, succede existirem duas pessoas que tem intenções idênticas, não é certamente para admirar que se sirvam igualmente de meios identicos para se occultarem. E' o que succede n'este caso. Devemos separar completamente o caso do boulevard Haussmann d'aquelle succedido em casa de Robur Hall. Um dos homens da máscara varrelha nada tem que ver com o outro. Apesar d'isso, existirá, naturalmente, uma certa ligação superficial, entre todos.

«O que me parece é que Robur Hall morreu, em virtude de ter amado Eugénia.

— Mas isso é uma solução completamente nova, senhor Holmes! E o homem que o matou, encontram do tambem a morte?

— Estava, aspeito eu, igualmente apaixonado por Eugénia, mas juntava o util ao agradável. Lembra-te do gesto estranho que elle fez? Pois bem, é um gesto typico de Eugénia, que poderás observar, quando ella está falando. Robur Hall comprehendeu immediatamente o motivo porque o seu secretario o procurara.

— O senhor Holmes disse que elle uniu o util ao agradável?

— Sim. O assassinato de Robur Hall era para elle uma vantagem. Ao mesmo tempo que destruiu um rival no amor, aproveitava-se d'uma descoberta que collocava, e roubava-lhe o segredo do novo gas; eis aqui a parte utilitaria.

«Lembraste que elle trazia no bolso um cheque de cincoenta mil francos, assignado pelo senhor Hall, secretario do ministro da America?»

— E' verdade, senhor Holmes.

— Pois iria apostar que esses cincoenta mil francos eram parte do preço da descoberta que o desconhecido tinha de entregar á legação da America?

«Pensou no incalculavel valor que tem para um paiz a posse de tal invenção!

«Comprende-se que a America tenha tentado apoderar-se d'elle por todo o preço. Robur Hall queria por sua deciação o fructo do seu trabalho á França, por ter sido Henry Mérimee quem lhe advantara os fundos para conseguir os seus desigins. Robur Hall ter-se-ia

meio comprometido a tal, provavelmente. Seja como for, julgo que comprehendes agora, mais ou menos, as causas do crime de Clichy. Se, porém, chegares a saber quem era o mysterioso mascarado que eu não sei; supponho que seria um d'esses numerosos missionários políticos de mudim de nome e de figura vinte vezes por anno e de cujo desaparecimento ninguém se preoccupa.

— E contanto, entre Eugénia e esse drama alguma ligação deve existir, declarou Harry. Se assim não fosse, não teríamos encontrado Eugénia n'aquella casa. — Tens razão. Mas eu já te disse que alguma ligação existe, embora superficial, entre Clichy e o *boulevard* Haussmann. Robur Hall estava apaixonado pela joven. Reparaste bem n'elle. Harry? Estou convencido que viria a ser o maior criminoso do nosso seculo, se continuasse a viver. Elle tinha certamente a intenção de raptar a joven violentamente. Talvez quizesse encerrá-la em sua casa, para se apoderar d'ella.

— Mas... senhor Holmes, d'onde conclui?

— Primeiro, porque o chimico conseguiu attrahir a sua casa a joven d'um modo extranho. Eugénia estava, sem duvida, hypnotizada por elle, que lhe suggeria a ideia de se dirigir á casa de Clichy. E isto explica-se e comprehende-se que assim seja, se dissermos que a joven de nada se lembra desde que sahio de casa. Robur Hall escolheu propositalmente esse meio. Depois de Eugénia se encontrar em sua casa, pôde fazê-la desaparecer sem que occorresse a tal quem procurá-la alli. De resto, elle tinha preparado tudo para supprimir a pessoa de quem tinha maior receio, antes de praticar o crime.

— Quem era essa pessoa, senhor Holmes?

— Eu proprio! A historia das cartas anonymas que me enviava, foi pura invenção. Elle sabia que eu estava em Paris e tinha ouvido bastante a meu respeito para ter a certeza que eu era capaz de seguir a pista de Eugénia e libertá-la. Attrahiu-me, pois, sob o pretexto de necessitar da nossa protecção. No momento em que bateram á porta, julgou Hall que fosse a joven. Records-te que elle nos fecho.

— Por um bizzaro acaso, foi o desconhecido que fez sahir o gaz que quasi nos matou, quando esse papel estava destinado a Robur Hall, se o mascarado não surgisse inesperadamente. O chimico tentouva pôr Eugénia em segurança, em qualquer parte e deixar penetrar em seguida o mortifero gaz pelos dois officios do nosso esconderijo.

Se assim tivesses sido, não teríamos podido fugir, porque o effeito do gaz seria mais rapido e fletamos logo sem sentidos.

— Isso significa que tanto no drama de Clichy como no crime do *boulevard* Haussmann, foi Eugénia a causa primaria.

— Em Clichy foi ella, certamente, que motivou a intenção de Robur Hall de preparar o seu terrível

attentado contra nós e que levou o desconhecido a pô-lo em execução.

No *boulevard* Haussmann, porém, já não affirmo que fosse Eugénia que desencadeasse as paixões.

— Quem seria, então?

— Os quatro ou cinco milhões que ella possuía, meu Harry. Parece-me que esqueste que ella é herdeira de Mérimé?

— Immediatamente?

— Pelo menos, reconhecerá metade; depois da morte da mãe receberá o resto.

O policia foi interrompido pelo criado, que lhe trazia a ultima edição do *Matin*. Sherlock Holmes percorreu o jornal com a vista e apontou uma noticia: — Aqui está anunciado o casamento do marquez de Vancourt com Eugénia Mérimé, para d'aqui a tres dias.

— O marquez parece que tem pressa.

— Conheço-o, senhor Holmes?

— De nome, apenas. E' um *sportsman* muito conhecido. Já tentei travar conhecimento com elle, mas nunca o consegui. Como pude certificar-me, elle está ás vezes dias e dias sem apparecer em casa e sem que se saiba onde passa todo esse tempo.

— Se elle tivesse cabelo ruivo, sr. Holmes, talvez não fuisse mais voltarmos nos para esse lado, exclamou Harry de subito, depois de ter estado a reflectir durante alguns minutos.

— Esse pensamento faz honra á tua perspicacia. O marquez, segundo me consta, tem o cabelo retintamente negro. Esqueceas, porém, um outro. Lembra-te do pavor de Eugénia, ao vêr pela primeira vez o medico do hospital? Lembra-te d'ella ter dito que o homem da mascara lhe apparecera frequentemente com uma blusa branca?

— E' verdade, sr. Holmes. Parece-me que pode muito bem supor-se que o homem da mascara sea o doutor Sardour, cujo papel não está ainda esclarecido.

— Não posso assim. O doutor Sardour nunca usou blusa branca, t-das as vezes que o vi. Por que motivo hade o homem da blusa ser medico? Ora reflecte. Os pintores, por exemplo, não usam todas blusas brancas? Harry deu uma palmada na mesa.

— Desculpe, a minha estupidez, sr. Holmes! Agora me lembro que mora um pintor no quarto andar do predio de Mérimé.

— Pois esse homem desapareceu na noite em que foi assassinado Mérimé e até hoje ainda não foi possível encontrá-lo.

— Eis um raio de luz n'esta escuridão. Quem sabe se esse pintor não é o homem da mascara e o assassino de Mérimé, sr. Holmes?

— Estou convencido d'isso.

— E não toma todas as medidas para o procurar?

— Já fiz tudo o que devia fazer, querido Harry. Recio, porém, que nem mesmo a bem organizada policia de Paris possa encontrá-lo.

— Porquê?

— Porque não existe.

— Não existe e é um assassino? Então como te explica?

— Parece uma contradição, mas não é. Não estou porém ainda absolutamente certo do que desejo saber e por isso peço-te que reflices, por enquanto a tua curiosidade. Agora vamos má preparar nos para assistir como dois perfectos *gentlemen*, ao casamento de Eugénia Mérimé.

Nos dois dias seguintes, Sherlock Holmes esteve sempre ausente de casa. Na manhã do terceiro dia veio buscar Harry que, preparado para o que desse a virasse, se achava já de casa, e dirigiu-se com elle para o *boulevard* Haussmann, para assistir ao casamento da filha de Mérimé.

Sherlock Holmes ad-pára novamente a mesma personalidade que simulava ser no dia em que frequentára, pela primeira vez, os salões de *madame* Mérimé.

Sherlock Holmes apparecia-se ter sessenta annos. Barba completamente branca, assim como o cabelo, avam lhe um ar de especial distincção. Harry parecia ainda mais novo e um ligeiro bigode modificava-lhe completamente a expressão do rosto.

A solemnidade decorreu primeiro sem o menor incidente. Sherlock Holmes e Harry Taxon tinham se collocado junto da porta principal da igreja, quando Eugénia appareceu, pelo braço do marquez.

Vinha extremamente pallida. Via-se bem que tinha chorado durante toda a noite. Era maravilhosamente bella no seu vestido branco. Duas meninas igualmente vestidas de branco, pegava na cauda do vestido da noiva. O andar de Eugénia era magestoso.

Nada trabalhava, exteriormente, a agitação horrivel que a torturava. O seu rosto parecia esculpido em mármore.

O órgão rompeu, subitamente, tocando uma musica grandiosa.

Mal os noivos tinham transposto o portal da igreja, Harry fitou o marquez com insistencia. O marquez de Vancourt era um homem de trinta e seis annos.

O cabelo muito negro e a barba de igual cor davam-lhe o aspecto d'um meridional. Pediam tambem tendi o por um ar de de raça nobre, em virtude da cor bronzeada da pelle, que se destacava da alvura immaculada da camisa.

Era um homem bello, se bem que os labios grossos e sensuaes lhe destruissem um pouco a harmonia do rosto. Duas rugas, fundamente vincadas, desciam do nariz até ás commissuras dos labios. O andar era elegante e o corpo do aristocrata era alto e forte.

Olhava em volta, orgulhosamente, avaregando para o alto com a joven pelo braço. A noiva, ao passar por Sherlock Holmes e Harry, viu-os. Ella era a unica pessoa que reconhecia o policia sob aquelle disfarce,

visto elle ter-se-lhe dado a conhecer em casa do pae, na noite da recepção.

Estremecue e teve uma hesitação quasi imperceptivel. Inclinou o ramo de flores que trazia na mão e um bilhetinho cahiu no chão.

Harry ia baixar-se para apanhá-lo, mas Holmes impediu-o de consummar esse movimento, apertando-lhe o braço como n'um torno. O marquez não viria o papel, mas notára o ligeiro estremecimento e a hesitação da sua noiva. Voltou a cabeça e notou primeiro Harry e em seguida Holmes, com um olhar penetrante, que parecia querer atravessá-los.

— Eis uma declaração de guerra, murmurou Sherlock Holmes.

Harry tinha, entretanto, apanhado o papel. Quando a cerimonia religiosa estava a começar, o policia leu rapidamente:

— Pego-lhe por tudo que tem de mais caro no mundo que me salve! Tenho um medo horrivel!

— Não comprehendo, segredou Harry, então ella não casa voluntariamente com o marquez?

— Creio bem que não, replicou Holmes. Eugénia é uma pessoa facil de dominar e influenciar, como nos demonstra o facto de Robur Hall ter conseguido hypnotizá-la. Não admira que a serie de factos que se deram lhe tenha atacado de tal modo os nervos que ella já nem tenha vontade propria. Obede, naturalmente, e en-griega e insistencia da mãe e accedeu a casar com o marquez. Agora nada podemos fazer. Temos de esperar o que vai acontecer. Não tenho ainda armas bastantes para proceder.

O casamento fez-se sem que surgisse qualquer incidente. Eugénia Mérimé tornou-se esposa do marquez de Vancourt.

Na festa que deu *madame* Mérimé, commemorando o casamento da filha, Sherlock Holmes e Harry voltaram a encontrar o commissario Barbarouche.

Tambem cá está, hein? perguntou Holmes alegremente.

— E' verdade. Admira-se? Continuo a procurar o handido que roubou as joias, do quarto da que é agora a marquez de Vancourt.

— Então não precisa de ir longe!

— Como?

— Informou-se acerca da vida e do passado do marquez, sr. commissario?

O commissario olhou o policia, mudo de espanto.

— Acerca da vida... do marquez, gaguejou. Mas...

sr. Holmes... está doado?

— Julgo que não. Eu, por exemplo, informei-me logo acerca d'elle. Por isso, posso communí ar-te que o marquez achava-se em circumstancias difficilissimas e que só os dissimantes da que é hoje mulher d'elle é que lhe deram a possibilidade de custear as despesas que precederam ao seu casamento.

— Tem provas?

— Tenho. O meu discipulo Harry Taxon sabe que

em tendo passado os últimos dias fora de casa. Empreendi bem o meu tempo. Comprei até dois dos diamantes que foram roubados à menina Méricée.

Não só o commissario, como Harry, ficaram surpresos. Harry não escrava aquilo. E era necessario que Holmes estivesse seguro do que affirmava, para fallar claramente.

— Então vou tratar immediatamente da prisão do marquez, exclamou o commissario.

— Com isso occupar-sei apenas que o prefetto da policia pouhe e preso em liberdade, depois d'um curto interrogatorio. Nada ganharia com isso sendo despreciatiz-se. Não fallando já na opposição que eu proprio faria á prisão do marquez, sr. commissario, porque tenho o maximo interesse que elle continue em liberdade.

— O senhor é um verdadeiro enigma, sr. Holmes. Sabe que o marquez deu por falta do creado particular, já ha algumas semanas? A policia de Paris está farta de o procurar. Desappareceu d'uma forma mysteriosa. Sherlock Holmes franziu o sobrolho e prestou a maxima attenção ás palavras de Barbarouche.

— Ah! sim? Isso é extremamente interessante. Meu caro Barbarouche, parece-me que nunca o encontrarei. A sua communicação é para mim de grande importancia.

— Vamos agora para junto dos restantes convidados, para não darem pela nossa falta. Ouve? O feliz noivo está levantando um brinde á noiva e a madame Méricée.

O entusiasmo e a boa disposição dos convidados tinham chegado ao auge.

Quasi toda a aristocracia do dinheiro estava reunida na grande sala de banquetes da casa do boulevard Haussmann.

Harry tinha ficado separado do Holmes, á mesa, por uma joven. N'uma occasião em que esta se curvava um pouco sobre o prato, o celebre policia interrompeu a conversação com a sua dama e inclinou-se para Harry.

— Começa-se a beber o champagne. Tira com cuidado essa exheratissima preta que te deitaram na cadea. Não te havia de fazer bem, porque contém muito prussico. Harry estremeceu; pegou na taça e olhou. E foi ceticamente, no fundo via-se uma pequenina esphera negra.

Fitou o policia, surprehendido. Holmes respondeu-lhe com um olhar, que significava: Toma cuidado! A situação está se tornando perigosa!

Harry tinha a impressão de estar sentado sobre carvões ardentes. Sentia qualquer coisa no ar. Os nervos vibravam lhe na expectativa de qualquer facto extraordinario que se indubitavelmente passasse.

Os minutos succediam-se e nada estranho acontecia. Harry começou a beber um pouco mais do que seria prudente.

Eram proximoamente onze horas da noite quando

entrou um creado que entregou uma carta a Eugenia. O marquez, que se achava, sentado á seu lado, olhou o lazo com uma expressão de malicia. Eugenia abriu a carta e abriu um pouco ao lá-la.

Ficou alguns segundos d'olhos baixos, n'uma visível exortação e levantou-se de subito, resolutamente, inclinando-se um pouco e exclamando:

— Com licença. Demorei-me apenas uns minutos. Venho já.

O marquez inclinou-se, em signal de assentimento, Eugenia sahio e Holmes segredos rapidamente a Harry.

— Harry! Segue-a; não a percas de vista um segundo!

Harry poz o guardanapo sobre a mesa e saiu da sala discretamente.

Viu que a joven subia apressadamente a escada que conduzia ao segundo andar.

Seguiu-a, occultando-se nos patamares. Quando Eugenia attigiu o segundo andar, penetrou pela porta entre-aberta. Não inviolável fechou-a immediatamente ao mesmo tempo que aos ouvidos de Harry chegou um grito desgarrado.

O discipulo do grande policia lançou-se contra a porta com toda a força do seu corpo robusto. O fecho ficara mal preso e a porta cedeu tão inesperadamente que Harry desequilibrou-se e foi estabelecer-se no corredor.

Levantou-se com a rapidez do relampago. Viu ainda tres ou quatro homens que se tinham lançado sobre a joven. O valente rapaz puxou do revolver:

— Para tras, infames, hein?...

Não ponde acabar. Ouviram-se dois tiros. Um bala recoube-lhe pela frente e lançou-o por terra. Sem sentidos, ensanguentado, Harry ficou estendido no chão.

Entretanto, os quatro vultos mascarados, que tinham amordaçado Eugenia, embulharam-na n'um sacco e conduziram-na por uma escada das trazeiras do prédio.

No mesmo momento em que Eugenia sahia, seguida de Harry, Sherlock Holmes decidiu seguir os. O subito desaparecimento da joven preoccupava-o. Receava algum incidente que não houvesse previsto. No momento, porém, em que ia erguer-se deu-se n'uma scena que orientou a scena n'um sentido differente.

A viuva de Méricée erguera-se subitamente. Cambaleou e caiu de novo na cadeira, soltando um grito. Na natural confusão que se seguiu, o marquez aproximou-se, tirou o lenço do bolso e tapou-lhe o rosto com elle, deitando no lenço ao mesmo tempo, algumas gotas d'agua de colônia.

Quando Sherlock Holmes conseguiu afastar as pessoas que lhe impediam o caminho, já o marquez tinha cedido o seu logar a um medico que se achava presente e que se aproximara igualmente.

O medico inclinou-se sobre madame Méricée e exclamou:

— Temos de tentar immediatamente a respiração artificial. Criei, comtudo não creemos bem accedidos. Pelo que posso apreciar assim, de repente, julgo que houve paralyisa do coração.

Por entre exclamações dos convidados, a sr.^a Méricée foi transportada para outra sala e deposta sobre um sofá. O medico tinha razão. A infeliz não voltou á vida.

Pelo contrario! Em cada minuto que passava acenavam-se os signaes da morte real. As faces esvaíram-se e tornaram-se rapidamente exverdeadas, ao mesmo tempo que o nariz se aguçava exageradamente e os olhos recuavam excessivamente nas orbitas.

O commissario que lhe olhára para o rosto, dirigiu-se a Sherlock Holmes, communicando-lhe:

— A apparencia d'ella é a mesma d'aquellas duas pescas que fomos buscar a Chibzy.

— O veneno de *Edith Hall*! exclamou Sherlock Holmes, rangendo os dentes.

Voltoe-se e procurou debalde o marquez. Entretanto, decorrera proximoamente meia hora desde que Harry sahira da sala do banquete. Eugenia tambem não voltára. Tudo isto provocava em Sherlock Holmes sombrios pressentimentos. Não esperava, com certeza, que o marquez começasse a guerra com tanta audacia.

O commissario tambem deca pela desaparição do marquez. Subitamente, ouviu-se o grito d'alarme:

— Fogo!

Ao mesmo tempo, penetrou na sala uma nuvem de fumo negro, vindo do corredor.

Antes que os convidados tivessem voltado a si do espanto causado por mais este acontecimento imprevisito, já as chamas irrompiam pela sala do banquete.

Neste momento angustioso, em que o sangue frio que alguns tinham conservado era aniquillado pelo pânico da multidão; em que os gritos de socorro das mulheres se confundiam com as ordens dos homens; em que os credos esbarravam uns com os outros sem attinarem com as saidas, só um homem, entre todos, não perdeu, nem durante um segundo, a perfeita lucidez de espirito: esse homem era Sherlock Holmes.

Ordenou que abrissem as janellas, correu para o telephone e, apesar das chamas o rodearem já, conseguiu prevenir os bombeiros. Cinco minutos depois appareciam as bombas. Entretanto o commissario de policia aproximara-se de Holmes, de quem ficara separado nos primeiros momentos de confusão.

— Que foi isto, sr. Holmes? E' fogo posto, com toda a certeza. E' horrorizante; é um crime após outro. Já não se pôde sair pelas portas. Essa gente encontros-se a ellas de tal fôrça, que formam uma barreira que nada vale hade difficuldar mais a salvação.

— Como sempre, em occasiões semelhantes! exclamou Sherlock Holmes furioso. Nós não podemos esperar, sr. Barbarouche! Chegou a hora do castigo.

E arrastando consigo o commissario, Sherlock Holmes penetrou no compartimento seguinte, que se

achava já cheio de gente, empurrando todos, sem consideração por ninguém, até chegar á escada, que subia só ao primeiro andar.

Ninguém os seguiu. O policia parecia nada recuar, apesar do perigo imminente do fogo. O facto de estar tudo em chamas por baixo d'elle, e de haver centenas de pessoas que se despedaçavam mutuamente na ansia de salvar-se, tinha-se lhe varrido da memoria. O commissario seguia o. Holmes não procurou alçar o corredor. Dirigia-se ao quarto onde morrera Harry Méricée.

A' esquerda estava situada a escada que conduzia aos aposentos de Eugenia.

Sherlock Holmes voltou-se, porém, para o lado direito, tendo que attestar a tapeçaria que cobria a parede. Como visse que não o conseguia com uma facha, pegou no revolver e disparou alguns tiros contra a parede. Com um forte ruído de madeira despedaçada, abriu parte d'um tábique collocado por detrás da escada. Apesar da abertura não ser grande e estar erigida de agudes fragmentos de madeira, Holmes não hesitou em atravessal-a. Foi seguido por Barbarouche e ficaram ambos com o feto rasgado e com algumas escorições nos braços e no rosto. Nada os deteve.

Tinham penetrado n'um corredor secreto. Uma escada de pedra dirigia-se para cima.

No momento em que Barbarouche percebeu que Sherlock Holmes tinha descoberto uma nova pista, de cuja existencia o commissario nem de leve tinha suspetado, foi atacado d'um zelo feroz, na ansia de se tornar digno de emparecear com o genial policia. Passou á frente de Holmes e subiu as escadas a quatro e quatro.

Debalde o grande criminalista lhe recomendaro prudencia.

O commissario descobrira, porém, um botão na parede, no alto da escada e a nada attendeu. Carregou e a parede rodou. Durante um segundo, Sherlock Holmes viu, de baixo, brilhar um raio de luz. Ouvia em seguida, dois tiros e acabou-se de novo immero em escuridão.

Por entre as detonações, o policia ouviu distintamente um grito de dor do commissario que, quando Holmes o alcançou, se contorcia n'um lago de sangue. O grande criminalista curvou-se e accendeu a sua lanpada d'algaibeira. Um unico olhar lhe bastou para comprehender que o pobre Barbarouche deixara d'existir. Uma das balas penetrara-lhe no meio da frente e entrou no pescoço.

Soltando uma praga, Sherlock Holmes continuou o seu caminho.

A parede ficara aberta. O policia achou-se n'um quarto espacoso, que lhe pareceu conhecido. Aproximou-se d'um botão electrico, para accender a luz, quando soaram novas detonações.

Dois balas não o atingiram, mas a terceira, feriu-o no braço esquerdo.

Um segundo depois, o revólver da polícia respondia. O criminoso que dera os tiros fugira, porém, pelo corredor. Sherlock Holmes seguiu-o sem demora, mas chegou e caiu. As suas mãos palparam qualquer coisa trancada, vestuário...

Percebeu que era um corpo que se achava estendido no chão, atravessado no corredor.

Sherlock Holmes ergueu-se, pegou no corpo e dirigiu-se ao movimento para o quarto de onde saíra e onde deixara accessos à luz eléctrica.

Reconheceu então Harry.

Não mais podia fazer que abandonar, por agora, a perseguição do bandido.

Tirou do bolso a sua pharmacía portátil e tratou das feridas de Harry.

O ferimento na testa não tinha grande importância e Harry em breve recuperou os sentidos.

— Encontrou-a?

— Quem? — perguntou Sherlock Holmes.

— Eugénia!

E Harry contou o que se passara. Ao olhar em volta viu que se achava no mesmo quarto do doutor Sardon.

— Que é isto? exclamou o discípulo. Desapareceu o quadro grande e a parede está aberta?

Sherlock Holmes fez um signal affirmativo.

— Foi por ali que eu entrei. Na noite em que aqui estive fiquei suspenso, pois que ouvira qualquer entrada secreta. Percebi agora como foi fácil a existência da visão, n'aquella noite?

«No momento em que o doutor Sardon evocou o espirito, quiz e acabei que surgisse o homem, em pessoa. O homem da máscara vermelha vinha do quarto da mulher de Mérimée e trazia a sua vítima.»

«Foi claro que não suspeitava que ia cair no meio d'uma sessão de espiritismo, que se occupava da sua pessoa e com certeza que ficou tão espantado que não tornou a fugir por onde vinha e collocou o quadro na primitiva posição. Por isso não nada encontrámos.»

«A poderás andar, Harry? Vamos, então. Deus permita que não cheguemos tarde.»

O fogo tinha alastrado com espantosa rapidez. O homem que disparara os tiros sobre Sherlock Holmes pudera ainda escusar-se pela escada de serviço.

Quando Harry quiz seguir este caminho, viu-se obrigado a recuar.

«É impossível descer por aqui, senhor Holmes. O políptico teve um gesto de furiosa impaciência.»

— Temos que passar! Os minutos são preciosos.

Correu todos os passos. Sherlock Holmes corda. Ordenou então a Harry que atasse todos os lençóis das camas.

Harry atou-os em seguida ao parapeito d'uma das janelas e Holmes preparou-se para descer por elles

ao stringir alguma escada dos bombeiros, apesar de ter podido servir-se do braço direito.

Evidentemente, foi visto pelos bombeiros que aproximaram uma escada immediatamente. Holmes e Harry desceram com enorme agiliade, fazendo o espanto dos bombeiros.

Alguns agentes da policia queriam detalhes. O policia, apenas com o braço direito, abriu caminho para os dois Harry, distribuindo rapidamente alguns socos e desapareceram na escuridão da noite.

Passava justamente um automovel d'alguem. O policia saltou para dentro d'elle e mettu uma nota de cem francos na mão do chauffeur, dizendo-lhe:

— Para Anteuil, depressa! Vá o mais rapidamente que o motor lhe consentir. E' para salvar alguém da morte!

CAPITULO IV

Cinco minutos horribes

A velocidade do automovel era atombrosa. Os balanços eram fortissimos e aquella carreira louca, ameaçava terminar abruptamente d'uma forma fatal para os passageiros.

Apesar do perigo que poria em constante sobresalto os nervos de qualquer outro mortal, Sherlock Holmes achou necessario para prestar a Harry alguns esclarecimentos.

— Creio que não será necessario affirmar-te que o marquez é um criminoso. Depois saberás os minimos detalhes. O meu unico desejo era apanhar-o em flagrante.

«Quanto aquella sessão espiritica, meu caro Harry não deves esquecer que a casa do boulevard Hausmann serviu primeiro para pessoas que necessitavam de escadas e corredores secretos.»

«Antes de ter estado installada ali a legação da Turquia, a casa fora propriedade de conspiradores, que foram totalmente aniquilados pelo general Cavagnac.»

«Harry Mérimée parece ter desconhecido estas particularidades do predio que comprou. O doutor Sardon, que é um louco, um louco perigoso, tambem ignorava as passagens mysteriosas.»

«O marquez, porém descobriu rapidamente todo o mysterio do predio. Se foi elle que o descobriu á mulher de Mérimée ou se foi ella a elle, é que eu não posso affirmar.»

«Pois como fosse, elle serviu-se da passagem secreta, que conduzia do quarto de madame Mérimée á habitação do doutor Sardon, para as suas infames experiencias.»

«O homem da máscara vermelha que apparecia

com tanta frequencia, não era senão elle. Antes de eu te expor as experiencias a que o figurão se entregava, devo dizer-te que eram as suas intenções. Já uma vez te disse:

«Eugénia é herdeira de quatro ou cinco milhões e eram esses milhões que o bandido quizia possuir. Como não podia roubal-os, architectou um plano d'uma onçada extrema.»

«Conseguiu ser apresentado em casa de Mérimée. A mulher d'este era uma creatura de caracter extremamente liviano. Compreenderá, por consequencia, facilmente, como o marquez podia apparecer no quarto da infeliz Eugénia sem ser visto.»

«Comprehendes, igualmente, como foi facil que Henry Mérimée fosse assassinado, enquanto a esposa se achava no quarto segurado. Não temo, porém, que julgas, a pois já morreu. Se ella estava ou não d'acordo com os planos do marquez, é-me indifferente; o que é mais provavel é ella ter o conhecido e auxiliado.»

«Havia dois caminhos para o marquez se apoderar dos cubigados milhões:

«Ou cazando com a viuva de Mérimée, e n'esse caso era necessario eliminar primeiramente Eugénia; ou cazando com a joven herdeira, sendo preciso, porém, que Mérimée e a mulher já não pertencessem ao numero dos vivos.»

«Para que quiz elle então raptar a joven? Foi isso que nós vimos durante a sessão de espiritismo, respondeu Harry.»

«Pela simples razão de que o criminoso quiz, primeiro, esculher o caminho que eu apresentei em primeira hypothese.»

«Tencionava dar cabo do velho Mérimée e da filha e cazou em seguida com a viuva. Tenho em meu poder as provas d'essa intriga d'amor da senhora Mérimée. Encontrei as cartas d'ella, durante mais hora em que sahi da sala do banquete, andando a percorrer a casa toda.»

O marquez tinha toda a facilidade de penetrar em casa do medico. Morava tambem no quarto andar, disfarçado em pintor, isto é, desempenhava duas personagens differentes.

«Como marquez, conservava-se muito discreto e mantinha relações com madame Mérimée; como pintor adquirira a amizade do desequilibrado infio, conseguindo assim penetrar em casa d'este sempre que tal lhe apetezia.»

«Depois de ter assassinado Mérimée, destinou para consumir o crime na pessoa da infeliz rapariga a mesma noite em que Sardon nos convidou para a experiencia de espiritismo.»

«O facto d'ella poder penetrar constantemente junto da senhora Mérimée sem que o marido desconfiasse, explica-se bem pelo uso que Mérimée fazia d'aquellas pilulas brancas de que deves lembrar-te. Creio que o

dr. Sardon as fazia como devia fazel-as, d'arsiprina ou qualquer producto semelhante.»

«Como o marquez podia penetrar em casa dom edicio pela passagem secreta, sempre que lhe aprouvesse, foi lhe seguramente facil trocar as pilulas por outras, porque não creio que Sardon fosse cumplice n'aquella infamia.»

«Que succedeu então n'aquella noite, mestre?

«O marquez penetrou no quarto de dormir de Eugénia. Deves recordar-te que ella tomara tambem uma das pilulas brancas. Ficou com um tal sono que nem soube bem o que lhe succedeu. Ora o bandido quizia arrastar Eugénia para a habitação de Sardon dando-lhe ali algumas punhaladas e deixando-a ficar.»

O resultado seria forçosamente a prisão de Sardon accusado de ter assassinado Eugénia. Como vêes, meu caro Harry, este marquez é, de seu genero, um genio. O plano teria obtido bom resultado se no momento em que elle afastou o quadro e penetrou na habitação, do medico, não tivesse visto quatro homens, através uma nuvem de fumo, que o fiavam.»

«É claro que voltou pelo mesmo caminho, fechando novamente a parede.»

«Eis a razão porque tu e o commissario vos achavades em face d'um verdadeiro enigma. Eu tambem não tinha comprehendido bem como as coisas se tinham passado. Quanto ao maluco do doutor, era fóra de duvida que tanto elle não esperava um tal resultado da sua experiencia, que perdeu os sentidos.»

«Salvamos então involuntariamente a vida de Eugénia, n'aquella noite, sr. Holmes?»

«É verdade! O destino protegiu a O marquez, apesar do fumo do carvão, tanto a certeza que me reconheceu n'aquella noite. Deves lembrar-te que eu tinha já escangalhado a minha caracterisagão, pois não tinha que tomar precauções com o dr. Sardon, que não sabe nunca hora o que fêz e o que viu na hora antecedente.»

«Bem vêes, como certeza, muito supersticioso, dar importância ao indio. Mas voltando ao marquez: elle deve ter calculado que eu viria a descobrir em pouco tempo todos os seus planos.»

«Efectivamente, todo o tempo que passei fóra de casa, empreguei-o a proteger a vida de Eugénia. O marquez desistiu immediatamente do primitivo plano, pois logo se apercebeu que eu suspirava d'elle se succedesse qualquer desgraça á filha de Mérimée.»

«Decidia-se, pois, pelo segundo plano, que, com uma acção infernal, tinha já preparado de longa data, fazendo da mulher de Mérimée sua aliada.»

«A sr. Mérimée era bastante perversa para dar á filha, como marido, o seu proprio amante.»

«A fórma como elle conseguiu pôr em pratica o seu segundo plano, conhecido o tuão bem como eu.»

N'este momento, o automovel desce um balcão marfim, chamando Harry á realidade. Divisavam-se já as primeiras casas de Anteuil.

O automóvel parou e Sherlock Holmes saltou para o chão, atravessando rapidamente com Harry as escadas altas do parque.

—Vês aquella luz? Vês? exclamou agitado, E' ali que mora o dr. Saldour. Meu Deus! Elle permitia que não cheguemos tarde!

—Senhor Holmes, porque motivo suppõe que Eugénia está em casa do dr. Saldour? pronunciou Harry a custo, correndo a par do polícia.

—Não sei, Harry. Se ella não estiver aqui, não corre a sua vida por enquanto grande perigo e salva a-hemos.

—Se está, porém, aqui, está tudo perdido. Não comprehendes, então?

«O bandido já quiz servir-se do medico, uma vez para a coltole d'elle commetter o crime. Fox assaltar Eugénia por alguns criminosos assediados. Pense qual fosse o ponto para onde elle a transportasse, deveria recuar sempre que as suspeitas retaliassem sobre elle.

—Por conseguinte, tel-a-ha mandei para casa de Saldour, porque o desequilíbrio se encarregará de fazer que a policia só d'elle suspeite.

Chegarão junto da casa de Saldour.

Sherlock Holmes não hesitou: atirou-se á porta e, ajudado por Harry, arrombou-a.

A logica de ferro do genial policia, que era a verdadeira causa dos seus successos, muito mais que a sua proverbial audacia, ainda d'esta vez não o enganara. A infeliz Eugénia fóra levada por uma carta falsificada a levantar-se da mesa. Se bem que Sherlock Holmes ignorasse o conteúdo da carta, tinha conhecido a verdadeira pista.

A infeliz, em cujo coração permanecia o immenso amor por Francisco Villiers, ficara petrificada ao abrir o sobrescripto, e ao ler a carta que lhe dizia:

Adorada Eugénia

Consegui evadir-me da prisão. Se ainda existe em ti um resto do antigo amor, peço-te de joelhos que venhas immediatamente ao segredo andar, a casa de teu marido, onde estou escondido. Preciso fallar-te pela ultima vez; é tudo que te peço.

Francisco

Eugénia não hesitaria em acceder ao desejo do seu amado, tanto mais que acalentou a esperança de poder libertar-se do marido, de quem nada sabia, mas de cujos crimes suspeitava com o instinto natural de mulher.

Ao chegar ao segundo andar, ai assal itada, perdendo os sentidos.

Quando voltou a si, sentiu uma dor fortissima na

cabeca. Sofreu em seguida os effeitos do chloroformio que fôra anestesiado. Julgou morrer e só depois d'algum tempo reconheceu o homem que estava junto d'elle, fitando-a com os grandes olhos negros, phosphorecentes.

—Ah! dr. Saldour! Estou outra vez em minha casa, exclamou em voz baixa, com um suspiro de alívio.

O medico abanou a cabeça, franzindo os labios num sorriso medonho.

—Está em minha casa, minha Eugénia. Compreendes, não é verdade que a sciencia espera da sua pessoa um sacrificio? Porque a alma d'aquella princeza india que eu amei. Naturalmente, ignorava o. E' que isso é um dos grandes mysterios que o homem ainda até hoje não sabe explicar.

«Essa alma está presa no seu corpo e a sciencia por libertar-se, para adoptar uma nova morada'.

«Como são maravilhosos os desenhos da natureza! Que tem, que sente?

Eugénia tornou a desmaiar.

Quando voltou novamente a si, finalmente, depois de prolongados esforços do indio, pareceu-lhe que o coração ia saltar-lhe do peito. Um horror inaudito apoderou-se da pobre joven.

Quiz erguer-se, mas comprehendeu que estava amarrada fortemente á mesa de operações. Um pavor mortal a invadiu.

—Deixe-me gritar. Deixe-me! Que pretende de mim?

O indio fitava a com um sorriso medonho.

—Sabe quanto amei a princeza? Não pode saber o. O corpo d'elle apodreou na terra. A senhora tem o corpo d'elle e eu odeio a, si, porque retém presa a alma da princeza.

«Voa, porém, proceder a uma operação, pela qual libertarei a alma que em vão tenho procurado.

Eugénia saltou um grito desgarrado. Compreendeu tudo. O dr. Saldour enloquecera! O homem que estava em face d'elle, tendo na mão o canivete de operações e que a fitava com um olhar de tigre, não sentia a menor compaixão. Estava louco!

E elle cobrava-se nas suas mãos!

Cada tentativa que fazia para libertar-se tinha apenas como resultado fazer penetrar mais fundo na carne as cordas que a prendiam.

E ninguém que pudesse salvá-la!

A casa não tinha outro habitante além de Saldour.

Que morte! Que horror mortal!

O medico inclinou-se sobre ella.

—Sente medo, não é verdade? Verá que não é tão horrivel como suppõe. Tem receio da dor? A dor é uma coisa sublime porque purifica.

Encostou-lhe ao peito o bisturi. A pobre rapariga nem teve forças para gritar. O sangue gelou-lhe nas veias.

Saldour ia começar a sua horrivel obra, quando

foi distraído por pancadas fortissimas dadas na porta do quarto.

Um segundo depois, a porta voou feita em estilhaes e Sherlock Holmes, seguido de Harry, appareceu empenhado no revolver.

—Está viva? perguntou.

Eugénia não pôde responder. Via tudo que se passava, sem poder articular uma só palavra.

Apenas um estertor lhe saia do peito.

O indio lançou-se sobre o grande policia.

Emquanto Harry cortava as cordas que prendiam a joven e ella se erguia, envolvendo a sua nudez nos vestidos que se achavam sobre uma cadeira, travava-se medonha luta entre Holmes e o louco. O genial policia não poderia puxar do revolver. Agarrou o indio pelo pescoço. Este pretendia defender-se com o canivete.

Sherlock Holmes teve que largá-lo, e um movimento bracco que fez, calhiu-lhe o revolver do bolso.

Com enorme rapidez, o medico, curvou-se, apoderou-se da arma e momentaneamente o policia se viu que não interviene no mysterio critico.

Um tiro de Harry terminou com o perigo; o indio ergueu os braços e caiu pesadamente.

Sherlock Holmes voltou-se.

—Vive? perguntou.

Dêram um passo para a mesa. Eugénia tinha desaparecido.

—Naturalmente, desceu a escada em busca de socorro, exclamou Harry, e dirigiu-se para a escada, seguido de Holmes.

Em baixo, ninguém se achava.

Voltaram ao primeiro andar, procuraram em toda a casa, arrombaram todas as portas, alarmaram Ansell, fizeram vir a policia, tudo debalde: Eugénia tinha desaparecido.

—O miseravel estava nas proximidades. Expulso e raptos a desgraçada mas uma vez, disse o policia.

Fôra alguns segundos mergulhada em profunda reflexão.

—Vamos, Harry! Vamos ao boulevard Hausmann.

Elle não se atreve a mal a a rua, Vamos, antes que seja demasiado tarde.

Começou novamente a perseguição phantastica, febril, do criminoso, que fazia a ultima tentativa para ganhar a causa que tinha perdido já irremediavelmente.

—Tenho a certeza que levou a pobre rapariga para lá, novamente, communico a celebre policia ao seu discipulo.

A casa em que habitára Henry Méricime offerecia um espectáculo desolador.

A sobre-loja e o rez do chão tinham sido completamente. Se tinham ficado de pé as fortes colunas de ferro que sustentaram os andares superiores. Os bumbieiros tinham partido uma hora antes e a policia retirara egualmente. O interior da sala do banquete era agora um montão de ruínas. Não se via senão cinza e calça.

Sherlock Holmes dirigiu-se sem demora á escada de pedra. Revistou o primeiro andar. Ninguém encontrou. No segundo andar, o mesmo aconteceu. Como a porta estava fechada, Harry e o policia arrombaram-na, penetrando na habitação, luxuosamente mobiliada, do marquez de Vaincourt. Ninguém.

A secretária estava arrombada, vendo-se varios papeis espalhados pelo chão.

—O miseravel esteve aqui. Não pode estar longe. Não lhe é possível transportar Eugénia para um lugar onde possa ser vista. Ha de forçá-la a reconhecer como valido o seu exzamento e procurará passar a fronteira, em seguida. Se chega a fazê-lo, surgirão para nós enormes difficuldades.

Emquanto o policia dizia estas palavras, ia procurando febrilmente entre os papeis qualquero documento elucidativo. Da subito, pegou n'uma folha de papel, que percorreu rapidamente com a vista.

Entregou-a a Harry, dizendo:

—Começa a esclarecer-se o mysterio. Lá!

O conteúdo do papel era o seguinte:

«Declaro fornecer ao sr. Hull tres millimetros cubicos do gas inventado por mim, e dou-lhe poderes para o fornecer ao governo americano, sobre um cheque de cinquenta mil francos. O sr. Hull obriga-se a entregar-me no prazo de tres dias mais cinquenta mil francos, obrigando-se tambem a decidir em pouco tempo, se me será paga ou não a somma combinada de dois milhes, quantia pela qual eu entregarei ao governo americano o segredo da minha invenção.

Robert Hall

—Que significa isto? interrogou Harry. Uma nova complicação?

—Não, meu caro Harry. E' o unico esclarecimento que me faltava. Lembra-te do cheque de cinquenta mil francos que o desconhecido encontrou em casa de Robert Hall trazia no bolso? Recordas-te, tambem que o marquez participára ter-lhe desaparecido o criado? Pois bem, O marquez, não só desempenhava o papel de pintor como tambem o de negociador do governo americano. Servindo-se da assignatura de Hull, que falsificou, conseguiu obter uma porção do

Vencido

Sherlock Holmes e Harry Taxon dirigiram-se directamente á casa fatal do boulevard Hausmann.

terril gaz inventado por Robur Hall. No dia seguinte enviou o criado a casa de Robur Hall, com um cheque falso, a fim de obter mais quantidade de veneno.

— O creado, que era, afinal, um cumplice e compariheiro, quiz proceder por seu alvedrio e fabricou a morte por suas proprias mãos.

Sherlock Holmes interrompeu-se subitamente e olhou para o grande quadro pendente da parede fronteira.

— Veio aquella mancha de sangue, Harry?

— Não. Parece que houve algum que morreu no quadro, tendo as mãos sujas de sangue!

— O bandido fugiu com Eugénia pela passagem secreta, exclamou Holmes. Depressa, Harry! Prepara o revolver.

— *All right, mestrel!*

— Não accendas luz, recommendou o policia, carregando no botão secreto que fazia girar o quadro. Temos da de-corr a escada das apalpaladas.

Sherlock Holmes ia á frente. Harry seguia-o. Começaram descendo cautelosamente. Nenhum ruido se ouvia. Chegaram ao primeiro andar. Achavam-se no quarto da sr.^a Mérième.

— Aqui aqui! murmurou Harry, apontando para uma porta, onde se via a mesma impressão digital marcada com sangue.

Um um pontapé, Holmes rasgou a tapeçaria que mascarava a abertura e viu uma segunda escada, em espiral que conduzia directamente ás caves do predio.

— Que horror! exclamou Harry. Quem sabe que segredos estarão aqui sepultados e quantos crimes, commettidos aqui, terão ficado sem castigo!

Sherlock Holmes continuou descendo em silencio a ingreme escada.

Subitamente, segredou para o discipulo:

— Attenção! Não suaves!

Paravam ambos e escutaram.

— Parecia um grito soffocado, murmurou Harry. Novo silencio. Desceram mais alguns degraus.

— Ouvi agora distintamente, sr. Holmes! E Eugénia, com certeza!

Repetiu-se então o grito que lhes chegara aos ouvidos.

Os dois policias chegaram ao ultimo degrau e acharam-se em um corredor escuro. Avançaram cautelosamente, mas o mais rapidamente possível. Segundos depois deparou-se-lhe um ligeiro raio de luz.

A uns dez metros de distancia via-se uma vela, cuja luz tremia em virtude de qualquer corrente d'ar que parecia vir de cima. Effectivamente, havia uma abertura correspondente á chaminé do predio, que acabava alli.

A pequena luz alumiaava uma scena tetrica. Apesar de se ver pouco distinctamente, percebiam-se o rosto do marquez desfigurado pela raiva. Em frente d'elle achava-se Eugénia, com as mãos amarradas.

— Dou-te apenas dois minutos! gritava o marquez. Dois minutos, miseravél! Em seguida morrerás duma morte horrivel, se me não obedeceres. Se não conseguires o que desejo, saborearei, se menos, o prazer da vingança.

N'este momento, feriu-lhe o ouvido um ligeiro ruido. Apesar de Holmes e o seu discipulo avançarem com extrema precaução, para surpreenderem o bandido, foram presenciosos.

— Cuidado, Harry! avizou Holmes. Era tarde, porém.

Nada detinha já o valente rapaz, que em dois saltos se achou frente a frente com o criminoso.

Os seus braços musculosos abraçaram-no rapidamente. Recuou, porém, em seguida, soltando um grito abafado.

O marquez previra o movimento d'ataque e esperara no hombro de Harry a navalha que conservava na mão. Matou-o-lhe, mesmo, se Holmes não se tivesse aproximado anteriormente. Como o policia queria apalpar vivo, desdenhou fazer uso do revolver.

Estendendo o braço direito, e lançou-se sobre o marquez, mas este estava prevenido. Com a força pouco vulgar de que dispunha, ergueu Harry, que tentava, debde, servir-se do revolver, e lançou-o com toda a violencia sobre Sherlock Holmes, que rolou pelo solo.

Com a velocidade do pensamento, o policia poz-se novamente de pé, saltando sobre o bandido. Ao mesmo tempo, porém, fêlton-lhe o olho debaixo dos pés e, juntamente com Harry, o genial criminalista sentiu que se despenhava. Caíra n'uma cavidade d'uns dois metros de profundidade.

Ouvia ainda o riso ironico e triumphante do marquez.

Esse riso terminou, contudo, subitamente e o policia ouviu um grito e o ruido d'uma luta encarniçada.

Tanto Holmes como Harry conservavam perfeita lucidez, apesar da queda se ter dado sobre a laje que formava o fundo da cova.

Harry sentia as suas forças quasi exgotadas. A ferida da cabeça fazia-o soffrer horrivelmente; estava, além d'isso, muito enfraquecido pela perda de sangue. Sherlock Holmes, por sua vez, não tinha tido tempo ainda de tratar convenientemente do braço esquerdo, que na queda começara a sangrar fortemente, causando-lhe-lhe dores insupportaveis.

Em qualquer outra occasião não teria sido difficil ao grande criminalista transpor os dois metros, que tanto era a distancia do fundo á borda da cova onde se achava. Com o braço esquerdo ferido, não lhe era porém, possivel trepar.

O marquez tencionava certamente fechar a porta do alcapão, depois dos dois policias terem caído, mas fora impedido d'isso por qualque incidente imprevisto.

— Poderá com o meu peso? perguntou Holmes, voltando-se para Harry.

— Terás ainda força sufficiente? Tudo depende da rapidez com que procedermos agora.

Harry comprehendeu a intenção do mestre, sem que este necessitasse dar-lhe mais explicações.

Encostou-se á parede e formou com as duas mãos uma especie de estribo, onde Sherlock Holmes apoiou um pé. D'alli passou-lhe para os hombros. Depois de alguns estorços, pois só podia servir-se d'um braço, o policia conseguiu sair da rateira e achou-se em presença de dois homens que luctavam braço a braço, furiosamente.

Um d'esses homens era o marquez, o outro não poude Holmes reconhecer-o.

O bandido conseguia justamente n'esse momento dominar o desconhecido e levantou o braço em que brilhava uma lamina. Antes que pudesse ferir o seu adversario, Sherlock Holmes que, d'um salto, se achára junto d'elle, pegou-lhe no braço e o golpe fêlhou.

O marquez voltou-se então, furioso para o seu novo adversario, que só podia defender-se com o braço direito, ficando assim em manifesta condição d'inferioridade.

Os seus olhos chapivavam odio. Sherlock Holmes estava inteiramente desarmado; o bandido tentou espetar-lhe a navalha no peito, mas um rapido golpe de *jin jiteu*, executado pelo policia, evitou o perigo.

Os dois adversarios pararam então, ficando-se durante alguns segundos em silencio. Sherlock Holmes teve como que a visão nitida do movimento que o marquez preparava.

O bandido deu subitamente um salto para diante, mas o policia deu repentinamente um passo para o lado e, quando o outro, com o impulso adquirido, passava por elle, assentou-lhe um formidavel soco no queixo. O marquez cambaleou e perdeu, durante dos ou tres segundos, o imperio sobre si mesmo. Foi o sufficiente para decidir a victoria do policia. Saltou sobre elle e applicou-lhe segundo soco, que mais o entontecou, apertando-lhe em seguida o pescoço e fazendo-o cair.

Sherlock Holmes ajoelhou-lhe sobre o peito, carregando com toda a força, até se certificar que o infame se achava desmaiado. Em seguida olhou em volta.

Tanto o desconhecido como Eugénia tinham desaparecido. Não achou achava-se, porém, a corda que tinha servido para manietar a joen.

Holmes serviu-se d'ella para amarrar o marquez e apressou-se em seguida a salvar Harry da sua desagradavel situação.

Quando se aproximaram ambos do marquez, acabava elle de readquirir os sentidos. Levantou-se, mas não lhe era possivel defender-se.

Sherlock Holmes pegou-lhe pelo pescoço e foi-o empurrando em direcção á saída da cova, enquanto Harry, meio desfallecido, se apoiava ao seu mestre e amigo. Tinha chegado justamente ao vestibulo,

quando ouviram uma detonação, seguida d'um grito soltoado por uma voz de mulher.

— Então nunca mais acabam os crimes n'esta casa? murmurou Holmes, subindo o mais rapidamente que lhe era possivel a escada que conduzia ao primeiro andar.

Seguido por Harry que se arrastava penosamente, penetrou na habitação onde começara a infelicidade de Eugénia Mérième. Parou, surpreendido. O quarto em que se achava, estava cheio de agentes de policia. Estavam todos juntos, em attitude combativa, do lado direito. Do lado esquerdo, encostado á parede, via-se um rapaz, forte e sympathico, apesar do exterior em desalinho.

Os olhos brilhavam-lhe, ameadores, e mostrava os dentes, n'uma expressão de raiva. O fato estava completamente rasgado, vendo-se em alguns pontos a carne através a camisa.

Na mão direita empunhava um revolver, que apontava para os policias.

Em frente d'elle, accorada aos seus pés, estava Eugénia, com o seu vestido de noiva igualmente rasgado. A corça do larangeira estava desfeita, e os seus cabellos maravilhosos caíam-lhe esparsos sobre os hombros.

Estendia os braços para os policias, implorando: — Pelo amor de Deus, tenham compaixão! Elle salvou-me; querem agora obrigá-lo a tornar-se um assassino, matando alguns dos senhores?

— Não temos ordens de parlamentar com elle, declarou o chefe que commandava os agentes. Ou elle se entrega immediatamente; ou nós mettemos-lhe algumas balas no corpo.

— Pois não me apasbanço vivel! exclamou o joven.

Era uma scena pathetica. Os policias preparavam-se para atirar e elle dava um primeiro tiro para o ar. N'esse momento, entrou Sherlock Holmes com o seu prisioneiro. Foi uma entrada sensacional. O rapaz baixou o braço que empunhava o revolver e fitou o grupo com grandes olhos espantados. Parecia querer lançar-se sobre o prisioneiro e despedaçá-lo.

Eugénia puzêra-se de pé, abraçando-se ao seu amado.

— Que se passa aqui? exclamou Sherlock Holmes com voz forte.

O chefe approximou-se, fazendo respeitosamente a continencia, e disse:

— Aquelle homem evadiu-se esta noite da prisão, sr. Holmes. Nós temos ordem de tornar a prendê-lo. — Isso seria repetir a ansieda da primeira vez, replicou o genial criminalista.

— Mas Francisco Villiers tem que ser julgado pela morte do negociante Henry Mérième, redarguiu o chefe, olhando surprehendido, ora para o policia, ora para Villiers.

Holmes approximou-se do namorado de Eugénia, estendeu-lhe a mão, e pediu:

—Dê-me o seu revólver, sr. Villiers.

Silenciosamente, sem hesitar, o homem que todos tinham tratado como criminoso entregou-lhe a arma.

—Este homem pertence-me, visto que fui eu que o desarme, disse sorrindo o polícia, dirigindo-se ao chefe.

—Aqui tem o verdadeiro culpado, o assassino de Henry Miréme e da esposa d'este. É um homem que tem mais de meia duzia de assassinatos sobre a consciência e que a policia parisiense procura debalde ha muitos annos.

Dizendo estas palavras, empurrou o preso para os policas, que o rodearam immediatamente.

—É mentira, é mentira vivou o Marquez. Sherlock Holmes está doido!

E voltando se para o chefe, continou:

—Exijo que me ponham em liberdade, em nome da justiça. É contra a lei, prender-me d'esta maneira. Tudo se esclarecerá facilmente. Ponham-me em liberdade, chefe; como pôde o senhor acreditar que um Marquez de Valencourt seja um assassino?

O chefe conhecia bem o Marquez, pois este fora ouvido como testemunha contra Francisco Villiers. Olhou para Holmes, em ar de duvida. O genial policia aproximou-se então dos agentes e exclamou, fitando o bandido:

—Um Marquez de Valencourt, misaraval, não teria commettido tais crimes, nunca teria manchado d'essa forma a memoria dos seus antepassados. Mas o Marquez de Valencourt morreu no estrangeiro, onde foi assassinado. Tu, misaraval, chamaste Pat Smith, por achemas Pat, o chefe!

Sherlock Holmes tirou do bolso um pequeno frasco e despejou o seu conteúdo sobre o cabelo do criminoso.

Poucos segundos depois, a côr negra tinha-se transformado em ruivo.

O chefe tirou do bolso um jornal, exclamando:

—Sr. Holmes! Que bella capada! Tem razão; é Pat, o Ruivo, que fugiu ha dois annos da Nova Caledonia, onde estava deportado. Os signaes correspondem perfectamente.

—Que pena não conseguirmos prender tambem o outro, que se evadiu ao mesmo tempo!

—Por causa d'esse, escusa de se incommodar, che-

fe, replica Holmes encalhando os hombros. Este morreu envenenado pelo veneno de Robur Hall, ao tentar assassinar o.

Francisco Villiers avançou para Holmes.

—Como hei de agradecer-lhe? exclamou. Ah! não pode supor quanto soffri, durante todo aquelle tempo em que a vivei preso innocente! O cuido em que estava noite e dia pela minha infeliz Eugénia, levou-me a avaliar-me de noite da prisão.

—Tinha a convicção que a vida d'ella estava ameaçada pelo Marquez, a quem odiei desde o primeiro dia que o vi, sem saber porquê.

—Dirigi-me instinctivamente a casa d'esse misaraval e ouvi pela chaminé o grito de socorro solido por Eugénia, vindo da cave. Sem reflectir um momento, lancei-me pela chaminé e, ao chegar á cave, atirei-me a elle; infelizmente, a força d'elle era superior á minha. O senhor salvou-me primeiro das mãos d'elle e agora das garras da policia e eu não sei de que modo possa pagar esta dupla duvida.

Sherlock Holmes deminava a horrivel dor que sentia no braço esquerdo.

Sorrindo, pegou na mão da joven que acabava de passar por tantas provações e pô-la na mão de Francisco Villiers.

—Já não ha força que possa separar os, disse. A senhora Miréme talvez o achasse pobre para casar com a portadora de quatro mil-lões. Eu creio, porém, que trazem ambos equal quinhão para o casamento, pois soffreram um pelo outro e a fidelidade é talvez a maior e mais valiosa fortuna que um homem pôde de possuir.

Silenciosamente, Villiers inclinou-se sobre a mão da policia, apertando ao peito a mulher amada. Sherlock Holmes retirou a mão.

Voltou-se em seguida para Harry, exclamando, com um sorriso:

—E' tarde, Harry; vamos tratar das nossas feridas.

—Tambem acho, mestre.

—Apertam ambos, fatigados, mas muito satisfeitos.

FIM

OS DESEQUILIBRADOS DO AMOR

Série de romances psycho-pathologicos

(Por Arséniado Dubarry)

O Amor nas suas diversas manifestações, reger, e regerá perpetuamente o mundo. Provando-o o estudo das civilizações antigas, os costumes, as crenças e as tradições de todos os povos até a actualidade e a nossa vida contemporânea.

E tudo a aberrações a que as paixões desviadas conduzem os hominos, tal foi o intuito do auctor ao escrever a série de romances psycho-pathologicos que subtitulou no título geral *Dequilibrados do Amor*, e nos quaes os vicios contra natura, o herm-phroditismo, a hyetia, a depravação e a-sympnos analogos são tratados com mão de mestre.

Dos *Dequilibrados do Amor* achá-se publicado o primeiro volume:

O Feticchista

Devido seguir-se a este interessante romance sobre uma das mais requintadas manifestações da feticchidade, os seguintes, já no prelo:

- O Invertido
- O Hermaphrodita
- O Hysterico
- O Feticchista, etc., etc.

Preço de cada vol. edição de luxo, nitidamente impressa em bom papel

500

REIS



Novidade Litteraria

ESCOLA DO VÍCIO

por Victorien du Soudry
vol. com capa artistica 700 rs

LEIAM TODOS:

O conquistador de criadas
Bizarre romance d'extrême galanterie
Um grosso volume com capa artistica e esplendidas gravuras 300

COMO SE CONQUISTAM MULHERES
Conselhos a um rapaz
1 vol. ed. de luxo, 600 rs.

RATADO PRATICO DE GYMNASICA SUECA

por L. C. Kamlien.

Edição de luxo, profissamente illustrada, formando um elegante vol. in-8º gr.

300 Rs.

Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia . amador

Unico rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compõe-se das seguintes volumes:

- | | |
|-----------------------------|---------------------------------|
| 1 Crimes no palacio Jackson | 18 Jackson envenenado |
| 2 O caso d'uma perna | 19 Ressurreição de Jackson |
| 3 Evasão d'um malvado | 20 Sapatos de delictivo |
| 4 Crimes impunes | 21 Lord Jackson contra Sherlock |
| 5 Calvario d'um assassino | 22 J. Jones |
| 6 Um attentado terrorista | 23 Mulher e policia |
| 7 A creança martyr | 24 Um milhão de francos |
| 8 Resgate sangrento | 25 As bruxas de um Yankee |
| 9 A falsa suicida | 26 Coração torturado |
| 10 Um diamante nas nuvens | 27 O quierro dos mortos |
| 11 Junto da guilhotina | 28 A cabeca cortada |
| 12 Ao segredo do bandido | 29 O poder dos bandidos |
| 13 O ao policia | 30 Traçado pela areia |
| 14 O esqueleto do morto | 31 A derrota dos bandidos |
| 15 Bandidos de casaca | 32 Os mysterios de Chicago |
| 16 A rainha dos apaches | 33 O subterraneo das cadaveres |
| 17 Duas facanhas notaveis | 34 Por seguir uma mulher |
| | 35 A renuncia de Lord Jackson |

60 cada volume = Série completa, 2.000 rs.

REIS

JIU-JITSU

1 vol. edição de luxo com 19 bellas

paras a 4.ª classe dos Lyceus

1 volume illustrado 400 rs. = 600 reis

+ 3 photographias de pagina + 3

+ 3

Collección Artística

Publicação mensal e illustrada das mais

sensacionais novidades litterarias estrangeiras—

+ 3

+ 3

+ 3

+ 3

+ 3

+ 3

+ 3

+ 3

+ 3

+ 3

+ 3

+ 3

+ 3

+ 3

+ 3

+ 3

+ 3

+ 3

+ 3

+ 3

+ 3

UMA OBRA VERDADEIRAMENTE SENSACIONAL

AS MISSAS NEGRAS

Feitiços, diabruras, malefícios e sortilégios
OS AMORES E O CULTO DE SATANAZ

600 rs. Um grosso e elegante volume in-8 gr. rs. 600

Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato
Cada numero um episodio completo

60 Rs. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA de PORTUGAL Rs. 60

mais notavel e sensacional
das novidades litterarias

Edição esmerada, cuidadosamente impressa
e composta em magnifico typo

E' um trabalho vasado em moldes inteiramente novos que
formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva

HISTORIA de PORTUGAL

Desde os tempos primitivos até á actualidade

Volumes publicados:

- 1 Viriato, o heroe luso
- 2 Roma na Lusitania
- 3 Os barbaros do Norte
- 4 A invasão dos Arabes

- 5 Fundação de Portugal
- 6 O cerco de Guimarães
- 7 Egas Moniz

A seguir:

- 8 Conquista de Lisboa
- 9 Giraldo Sempavór
- 10 D. Fuas Roupinho (Milagre da Nazareth)
- 11 Tomada d'Alcácer
- 12 Rainha D. Mécia

- 13 O Bolonhez
- 14 O rei trovador
- 15 Rainha Santa Izabel
- 16 A Batalha do Salado
- 17 Ignez de Castro
- 18 A Rainha Adultera

CAROLUS DIDIER

A ORGIA BIBLICA

Romance passionnal, baseado na narrativa biblica

1 grosso volume, edição de luxo,
magnificas gravuras e capa artistica

700 rs.

NICK CARTER

O celebre policia americano

aventuras extraordinarias e sensacionais do Imcomparavel dectetive

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA 100 rs.

Não existe um americano, seja elle quem fór, que desconheça o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais celebre policia do mundo! O amigo mais intimo d'este famoso agente, o inspector Mc Clusk, o grande director da policia criminal de New York, duvida se alguma vez conseguiu ver **Nick Carter**, tal qual verdadeiramente é.

N'esta verdadeira maravilha do disfarce, n'esta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto, de physionomia, de voz e de olhar, reside o segredo dos mais inacreditaveis exitos de **Nick Carter**. E' isto o que lhe permite arriscar-se sem que ninguém o reconheça aos mais audaciosos lances, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horribes antros onde impera a escumalha da sociedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobeis orgias.

OS MYSTERIOS DE NOVY, YORK cidade que, outr'dra simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo, pelo tamanho, estando no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; essa cidade na qual a vida é alegre ou triste, embragadora ou miseravel como em nenhuma outra parte; onde a policia prende um assassino de 3 em 3 minutos; um assassino de 8 em 8 horas; onde as prisões abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade e todos os seus mysterios conhece-os **NICK CARTER**

que narra pessoalmente as suas famosas proezas cada uma das quaes, publicada em volume, fórma um episodio completo.

Volumes publicados:

- 0 rei do crime 2. 0 ninho dos ratos 3. Demonio femenino 4. O cadaver falsificado 5. O ultimo crime d- Carruthers. 6. O ranto d'um noivo. 7. Visioho mysterioso. 8. Caca aos milhões. 9. Um plano diabolico. 10. O rei dos gatos. 11. O rapto da duqueza 12. Historia tragica d'um suicidio. 13. Uma casa de bitoto. 14. O homem da mão de ébano. 15. As joias de mr. H.ckett. 16. Um electrico reigoso. 17. No Casino de Palm Beach. 18. Uma victima da sciencia. 19. O assassino de Fall River. 20. Aventuras d'um policia no Far-West. 21. Os poços de petroleo. 22. O Olho do Diabo.

100 rs. O volume contendo sempre uma obra completa 100 rs.

Dr. PEDRO GUERDES.

O MEDICO POPULAR

Como nos devemos tratar

Como nos devemos curar

No titulo d'este livro, achá-se sufficientemente indicado o fim a que elle visa. A sua leitura diminuirá a inquietação nas famo lias. pois as doenças deixarão de lhes apparecer sob um aspecto mysterioso que se resente da falta de conhecimentos de medicina

Um volume 8° grande illustrado

de 226 paginas e 1 appendice

700 reis — Elegantemente cartonado — reis 700